

## *Gracejos que matam*

<(ao doutor Thomaz de Carvalho)><sup>1</sup>  
[1 Ao doutor Thomaz de Carvalho]

### I

Ordinariamente, chamam-se, á franceza — *espirituosos* — uns sujeitos dotados de genio motejador, applaudidos com a gargalhada, e aborrecidos áquelles mesmos que os applaudem. São os caricaturistas<.>[da graciosidade.]

O «espirituoso», á moderna, abrange os variados mestres <ã> que, antes da nacionalisação d'aquelle estrangeirismo, pertenciam parcialmente aos seguintes personagens, uns de caza, outros importados:

Chocarreiro — tregeiteador — arlequim — palhaço — proxinella — polichinello — maninêllo — truhão — jogral — goliardo — histrião — farcista — farçola — ve<j>/g\ete — bobo — pierrot — momo — bufão — folião, *etc.*

Esta riqueza de synonymia denota que o *bobo* medieval bracejou [↑ , na península <hispanica>[iberica]] vergontea e enxertias em tanta <abundancia>[↑ copia] que foi preciso dar nome ás especies.

Ora, o «espirituoso» tem de todas. A antiga *jogralidade*, que era officio [1 mestér] vil, <, mas estipendiado>, <refundida>[↑ acendrada] n<a>/o\s secret<a>/o\s crizoes do progresso social, chegou a nós afidalgada em «espirito» e <considerada uma>[↑ com o fôro <grande>[↑ maior] de] faculdade poderosa, caustica, implacavel.

Ainda assim o *espirito*, portuguez estreme, [1 estreme *espirito* portuguez] por mais ã o afiém e agucem, é sempre [1 rombo e] lerdo; não <passa> se emancipa da velha escola das farças: é *chalaça*.

Ha poucos mezes, faleceu em Lisboa um «espirituoso» ã andou trinta ou quarenta annos a passear a sua reputação entre o Chiado e o Rocio. As gazetas, ao m<sup>mo</sup> passo ã nos inculcavam o defunto como pessoa que vivêra aventurosamente uns setenta annos tingidos com primoroso pincel, descontavam nestes defeitos a sua im[2]mensa graça, e reproduziram nova edição peorada [1 melhorada] das suas anedotas.

Averiguado o «espirito» d<e>/o\ homem <nas>[↑ em] coisas burlescas de que fez mercancia na feira politica, <apura-se escassamente>[↑ liquida-se, q<sup>do</sup> m<sup>to</sup>.] um <chocarreiro>[↑ folião] que desbragava a penna e verberava [1 desembestava asselvajadamente] o insulto. <Agora> <p>/P\or este, que não deixou nome <ã> lhe sobrevivesse 24>[↑ sobre-vivente p<sup>f</sup> vinte-quatro] horas — nem o terá aqui — orça a maioria dos jograes, ã tenho visto, nos ultimos <30>[↑ trinta] annos, esbrugar o osso da facção ã lhes alquila o engenho detrahidor, e acabarem antes da geração que os galardoou com a moeda falsa das rizadas.

O <chocarreiro>[↑ satirico] de sala e botiquim é mais funesto e menos trivial ã o politico; mais funesto por ã <faz>[↑ vulnera] melindres <serios> — coisa que o calôso peito da politica não tem [1 nem finge]; menos trivial, por ã o chiste de Sterne, de <sup>2</sup>Voltaire, de <sup>1</sup>Biron, <de Labragër>[↑ do padre Isla,] [↑ , de <Nodier>] <e de>[↑ Heine

---

<sup>1</sup> Abaixo desta supressão, nota para o tipógrafo: (Observação ao snr typographo: onde ha numeração romana, dividindo capitulos, ponha simplesmt<sup>e</sup> uma estrella divisoria com espaço de 6 linhas)

e Boerne] <mad. Girardin><[↑ Heine]> não apégou aqui, nem se adelgaça á feição da nossa indole, bem <definida nas graçolas chulas>[↑ acentuada nas chocarrices plebeas] de Gil Vicente e Ant<sup>o</sup> Jose.

É mais funesto, repito; por ã me occorre hoje, <volt>[↑ regress]ando das Caldas de Vizella, uma <sup>2</sup>funestissima <sup>1</sup>historia de ã <ninguem <se lembra>[↑ pode lembrar-se], senão eu.>[↑ só eu posso lembrar-me.] Duas chalaças <trocadas>[↑ jogadas] [1 terçadas] entre dois amigos, cavaram <a voragem a que <sup>2</sup>ambos resvalaram, um pela morte, o outro pel<o>/a\ [↑ campa d] remorso.>[↑ sepulturas de vidas e honras.] Se as novellas podessem ensinar alguma coisa, corrigindo aleijoens da alma, eu pediria aos gracejadores que [↑ lessem isto; e,], nas occasioens <da> em que a lingua lhes <salta> <pula na febre do> <não cabe>[↑ descabe] na bocca, engrossada pela opilação do «espírito» [1 da dicacidade], a refreassem com os dentes.

## II

Era em 1851.

<Primeiramente,>[↑ Apresso-me a declarar ã,] <p> no tocante a nomes e localidades, desfigurei tudo, salvo [↑ generalidades vagas e] o logar em que principia a narrativa. O ã menos <faz á> monta na exactidão da historia é o que ahi <falta.>[↑ se illide.] Nomear pessoas e terras seria <perigoso, o> denunciar [3] inutilm<sup>e</sup> um crime. O criminoso está deante do Juiz indeclinavel [1 inapelável], e <a sua posteridade \*nos> seus filhos innocentes respeitam-lhe a memoria.

Era, pois, em 1851, <meado> aos 15 de junho, nas Caldas de Vizella.

Entre os salgueiros que <copam umas alamêdas ar><formam>[↑ enverdecem] uma ilhêta assima da ponte, ã hoje chamam «velha», á hora de sesta, emboscaram-se <um> sete pessoas que <tinham> preferiam aquell<a>/e\ fresc<ura>/or\ [↑ acre] d<e>/o\ arvoredos, <recortado>[↑ golpeado] por meandros do rio, ao <\*b> cheiro sulphuroso [↑ e até sulph<r>yd<ico>/rico\ da <Lam> <Alamêda †> «Lameira».

O grupo compunha-se d<as>/e\ pessoas de diversas procedencias:

D. Helena da Penha, <que> <sup>2</sup>na <sup>3</sup>sua <sup>4</sup>terra <era> <sup>1</sup>chamada a *Morgada velha*. Cincoenta e tantos annos, viuva do capitão-mor de Athey, educada em convento, <dizendo mal>[↑ murmurando] da educação e dos costumes do claustro, d'onde sahira com incertos conhecimentos<sup>os</sup> no cathecismo e alguma instrucção em <voltarête>[↑ bisca sueca], e <[↑ bem \*ensin]> no *Feliz independente* do padre Theodoro d'Almeida. Excellente senhora ã <não passou a segundas nupcias para> se <man>[↑ con]têve viuva, desde os trinta e dous annos <ainda> viçosos [↑ e temperados sanguinam<sup>e</sup>] para não dar padrasto á filha unica.

D. Irene, a *Morgada nova*, vinte e sete annos, galante, mais menina ã a sua idade, cheia de denguiques, amimada, acriançando-se <nos>[↑ em] tregeitos e <nos> dizeres, <e> descompondo os artificios pueris com uns ares de desgarr e desinvoltura — em bom sentido, aliás. <Terá conhecido>[↑ Decerto, ja observou], leitor, em senhoras de provincia um desembaraço bronco, um remecherem-se e bacharellarem despropositadamente, — [↑ desaires] resultantes de lhes haverem dito que o pejo e o acanhamento são indicios de educação alde<am>/ã\]. Estes despejos improvisados, [↑ <e> sem delicadeza nem natural,], quando topam diversa socied<sup>e</sup> em praias ou caldas, <fazem-nas parecer>[↑ dão-lhes ares] [d]o ã não são, e abrem margem a suspeitas indecorosas; por ã ellas, com taes artes, conseguem desornar-se dos comedimentos do pudor. D. Irene era assim. Depois veremos o ã ella era, mais compridamente.

<sup>2</sup>Agora, <sup>1</sup>direi <quem eram os>[↑ dos] cinco sujeitos do grupo.

[4] O abbade de Santa Eulalia, <homem>[↑ passante] d<e>/a\ meia-idade, pagão em litteratura, mestre de latim n<a>/o\ <seu> concelho [↑ de Cabeceiras.]. Citava Virgilio apropositadamente. Quando alguém se <dizia>[↑ dizia] regalado com a frescura do salgueiral, declamava um trecho das *Eglogas* em ã havia *sálices*. Ao sentar-se n<o>/a\ [↑ corcova do <um>] tronco retorcido <e curvo> de um amieiro, exclamava sempre, sibilando <o>/as\ [↑ delicias do] meio-grosso: *sub tegmine*. Tinha rheumatismo e contava mt<sup>os</sup> cazos milagrosos d'aquellas aguas, e outros cazos de amores que alli passaram, qd<sup>o</sup> elle acompanhava sua mãe, no tempo em que as senhoras de Cabeceiras de Basto <alli>[↑ p<sup>r</sup> lá] faziam (disia elle) o seu *São-Miguel* d'amor. Em *cavaco* de homens, <abria-se um pouco>[↑ gretava-lhe a indole], e declarava-se o personagem ou protagonista dos cazos <referidos>[↑ attribuidos] a terceira pessoa em prezença das morgadas. Honestava com citações de Ovidio (*Ars amandi*, [↑ *passim*]) a lubricidade dos peccados da sua juventude; e dizia com unção de velhaco: *Delicta juventutis meæ*, suspirando. Às vezes, encontrando senhoras <de Cabeceiras>[↑ sert/ane\jas] de Basto, acotovellava o companheiro de passeio, e murmurava: «Aqui vem uma das taes» — *Uma das taes* vinha a ser uma das suas amadas, de 1825, a sylphide ã elle havia ensinado a dançar [↑ o minuete <, >/e\] a gavota com outras prendas, e não dava agora, no pizar [↑ coixo] e na gordura [↑ fôfa], <idea> o minimo vislumbre de ter sido sylphidica e bastante leveira para o gingar picado da gavota. “Está como eu” disia o abbade.

.....  
*Mudado como eu, como ella,  
 Que a vejo sem conhecêl-a!...*<sup>2</sup>

<Disia>[↑ Cantava] <o> Garrett de uma das suas estrellas cadentes. O abbade, ao menos, conhecia-as, embora <desfarçadas>[↑ <enfronhadas>[← enrocadas]] <no>[↑ em] tecido adiposo, e remoçava-as na sua <pr> imaginação saudosa, alindando-as com <as cores>[↑ o colorido] <rubras>[↑ escarlat<es>/e\] da paixão. <N>/B\om [↑ e discreto] conversador, se a materia obrigava á seriedade; philosopho ecletico, <e> alegre, rijo de estomago, cabralista por amor da ordem, <partidario> e herege, por ã negava que o Espirito-Sancto concorresse ao <c>/C\oncilio Tridentino. Em sciencias ecclesiasticas, ignorantissimo por livre vontade e voto deliberado. Eis o abbade de St<sup>a</sup> Eulalia.

[5] Alvaro de Abreu, da estirpe dos Abreus de <Refojos de Basto>[↑ Regalados,], filho segundo [↑ d<e>/a\ <nobre> caza [↑ e Honra] de S. Gens, em Refojos de Basto,] bacharel em direito, vinte e <seis>/nove\ annos, <grosso>[↑ compacto] de carnes, barbaçudo, cara p<b>/l\ebea, esbatida nas proeminencias malares, testa descantoadada e pilosa até aos arcos das sobranceilhas. Anel de ouro com armas: [1 ;] em campo vermelho cinco azas de ouro sanguineas nas cortaduras postas em sautor; timbre[1 ,] uma aza identica. As mesmas armas na cigarreira de prata, e nos botões dos punhos, e na <ametistha>[↑ amethysta] dos berloques antigos, pendentés em *chatelaine* do coz das calças. Tinha cavallo[1 ,] e lacaio fardado de azul com guarnições escarlates, <e> botas de picaria com prateleira e espora amarella encorreada de branco. Era intelligente como a maioria dos bachareis formados, e talvez mais. Em Coimbra, dado que não versejasse, era da roda do Couto Montr<sup>o</sup>, do Luiz de Bessa Correia, do João de Lemos, do brasileiro Gonçalves Dias, do Lima [↑ poeta] e d<e>/o\

<sup>2</sup> Versos sem itálico na 1.<sup>a</sup> ed.

[1 de] Evaristo Basto. Recitava [↑ sentimentalmt<sup>e</sup>] ás morgadas os soláos dos irmãos Serpas; e as parodias do Bessa<,>/e\ Couto Monteiro.

*Cabula minha pachorrenta e gorda  
Quem d'entre as folhas te espremeu dos livros? [1 !]<sup>3</sup>*

Ou então, o cazo da castellan, ã desafogava saudades<1 ,>

.....  
*tangendo no bandolim [1 mandolim],  
e a chorar disia assim:<sup>4</sup>  
«ó fado, que foste fado,  
ó fado que já não es!*

Cito de memoria[1 ,] pouco fiel nestas coisas <importantes.>[↑ conspicuas.]

Da convivencia d'aquelles rapazes ficou-lhe um verniz epigrammatico. Flagellava os padres do seu sitio com chalaças, era mais fino nos remoques ao cirurgião, e fizera mudar de terra o boticario, com quem era <implacavel>[↑ inexoravel] [1 se inimisára inexoravelmente] desde que elle, por cauza de umas eleições <cam> municipaes, solemnizadas a arrôcho, <lhe chamou>[↑ o doestou], no <p>/P\eriodico *dos Pobres*, [↑ de] *atheu e carbonario*. Ainda havia carbonarios e atheus [6] n'aquelle tempo. Hoje ha mais fé ... e petroleo.

Alvaro d'Abreu tinha a saude <sup>2</sup>vermelha e <sup>1</sup>athletica que eu desejo aos meus leitores. Viera a Caldas por ã [↑ alli] namorara, no anno anterior, a morgada nova, sua prima em quarto gráo; visitou-a em Athey nas festas de Natal e paschoa, e combinou encontrarem-se em Vizella. <Vamos com outros:>[§ Outro:]

João Pacheco, d<e>/o\ <Celorico de Basto>[↑ Arco de Baulhe], morgado de Val<e>/-E\scuro [1 Valle-Escuro]. Um gentil rapaz de vinte e quatro annos, educado em Lisboa, onde tinha nascido, quando seu pai commandava uma brigada [↑ realista.] Era orfão desde 1832. Aos vinte annos emancipara-se, e retirou-se para a provincia, onde <tinha muitos>[↑ possuia fartos] bens, e tias solteiras [↑ ã] mt<sup>o</sup> lhe queriam, <as>[↑ e] o indemnizaram dos mimos ã <lhe faltaram>[↑ não gosára] na infancia. [§] Asseveravam-lhe as tias que elle descendia de Duarte Pacheco Pereira — o <a>/A\chilles lusitano...

— Que morreu no hospital... — atalhava o moço.

— A infamia a quem toca... — emendava a snr<sup>a</sup> D. Izabel Pacheco, <[↑ senhora lida d]> freira benedictina [↑ bastantemt<sup>e</sup> [1 bastante] instruida.]. [§] E, abrindo os *Lusiadas*, apontava dois versos em que Luiz de Camoens vingava Duarte Pacheco da injuriosa ingratição de D. Manuel:

*Isto fazem os reis cuja vontade  
Manda mais ã que a justiça e que a verdade.<sup>5</sup>*

---

<sup>3</sup> Versos sem itálico na 1.<sup>a</sup> ed.

<sup>4</sup> Versos sem itálico na 1.<sup>a</sup> ed.

<sup>5</sup> Versos sem itálico na 1.<sup>a</sup> ed.

João Pacheco sorria-se.

A freira azedava<-se> com o desdem do sobrinho, e repetia-lhe a ode pyndarica de Ant<sup>o</sup> Diniz[1 ,] consagrada a seu avô. Era, porém, quase [1 quasi] ridiculo o entusiasmo antigo da filha de S. Bento, declamando com theatral gesticulação a <segt<sup>e</sup>>[↑ farfalhuda] estrophe:

<C>/c\em [I Cem] paráos torveados  
D'onde por bocas mil brota Mavorte  
Entre horrorosos brados,  
Em fogo, em fumo, em sangue envolta a morte,  
Zargunchos, frechas, que em choveiros voam;  
Elefantes bramindo a terra atroam;  
Neptuno da batalha ao som horrendo  
No fundo mar se espanta;  
[7] Nos eixos muda a terra está tremendo,  
Mas nada o grande coração quebranta.<sup>6</sup>

— O que eu collijo desses versos — disia o sobrinho da transportada senhora — é que o bravo Duarte Pacheco espatifou mt<sup>o</sup> indio, fez espadanar muito sangue de povos ã defendiam o seu lar, e nunca vieram aqui atacar o nosso. Ora, a Providencia castigou o *Achilles lusitano*, <levando-o>[↑ baixando-o] a <expiar><[↑ sentir]>[↑ tragar] na <humilde †>[↑ barra] dos <pobres>[↑ desvalidos] a miseria do rei de Calecut, <abatido>[↑ arrojado] por elle <a extrema>[↑ do throno á] indigencia.

Com poucos mais traços, está bosquejado o perfil ideal de João Pacheco. Completal-o-hão os sucessos <vindouros><ulteriores> occorrentes nesta historia.

A sexta pessoa do gupo, ã <se> povoava <a>/o\ <ilh> cinceiral do Vizella, era um dos *Saint-Preux* portuenses, <a \*car> o modelo acabado da belleza varonil, ja passante dos trinta e cinco annos, caçado, mas fingindo ã amava sempre por que era deveras <amado>[↑ querido].<sup>7</sup>

[7v] [Não sei se elle, <como>[↑ á imitação] [↑ do marsehez] Luiz Gauffredi, <dera ao>[↑ pactuara com o] diabo <a>[↑ dar-lhe a] alma em troca d<e>/as\ mulheres ã que soprasse; o que sei é que as damas ã elle quiz, sopradas ou não, amaram-no. Parte d'essas estava etc]

[7] <sup>(1)</sup> Parte <das suas>/dessas\ <amantes> estava nas Caldas, a <curar dyspepsias>[↑ abrir o appetite enfarado], [↑ ou] a diluir <a>/o\s <†>[↑ empaches] da nutrição [↑ <fr> rija]. As [↑ meninas] anemicas e chloroticas dos trovistas de hoje em dia [1 da actualidade], <estavam> em 185<2>/1\<1 ,> <nos embriões de suas <mães>[↑ avos]>[↑ pertenciam ainda á embryologia]; assim como os bardos, que actualment<sup>e</sup> lhes receitam <bifes>[↑ boi] e vinho do Porto, <estavam>[↑ fermentavam] no ventre da Idea... com *i* grande.

(1) Meu caro doutor Thomaz de Carvalho, lembra-se d'elle, ha oito annos, no *Hotel Gibraltar*, ja encanecido, mas tão galhardo velho ã o invejavam os môços?

Jose de Almeida, o *D<.>/on\ Juan* do Porto, bem que reconhecesse <a>/o\s <seducçoens>[↑ amavíos] corpore<a>/o\s da morgada de Athey, chegára á idade em que <a alma>[↑ o espirito], <prevalendo <á>/ao\ [↑ feitio da] materia,>[↑ ganhando entojó á[s] carn<e>/a\lidad<sup>es</sup>,] começa [1 entra] a namorar-se da belleza moral. Almd<sup>a</sup>

<sup>6</sup>Versos sem itálico na 1.<sup>a</sup> ed.

<sup>7</sup> Nota para o tipógrafo: (segue no verso desta tira)

zombava dos tregeitos, do palavriado, das relamborias denguiques de Irene. Quem o attrahia áquelle grupo era João Pacheco; e quem attrahia João Pacheco era o abbade de Santa Eulalia com o engôdo das anedotas, com a sympathia das boas tolices, e a <rara>[↑ prodigiosa] arte de <affastar>[↑ exorcisar] a tentação do suicidio das pessoas que <passam>[↑ penam] em Vizella quinze dias de junho. José d'Almeida me disia a mim...

A *mim*<!>/?\<sup>8</sup>... a um homem muito diver[8] so que ha vinte e <trez>[↑ quatro] annos tinha o meu nome, e esse tal era o ultimo do grupo[.] <e o primeiro na insula do>

### III

Dizia João Pacheco a Jose d'Almeida [1 de Almeida] uma vez:

— Este Abreu, se não tivesse cartas de bacharel, <era>[↑ seria] um homem regular; porém, como não advoga, nem faz leis, nem as intepreta [1 interpreta], quer á força mostrar ã a formatura lhe deu alguma distincção. *Faz espirito*. Traz sempre comsigo as pilherias requentadas que forrageou em Coimbra, e não perde lanço de as desfechar contra o abbade ou contra mim, se D. Irene lh'as pode victoriar com o sorriso [↑ lorpa] [1 parvoeirão]. Eu ja lhe disse que <a>/o\s seus gracejos incommodavam o abbade e me não lisongeavam a mim. Se não se emendar, um dia jogo-lhe um remoque desagradavel, e amordaço-o<1 ,> na prezença da <Nynpha, e ""os> menina.

Isto dissera João Pacheco n'aquelle dia em que o grupo, á hora de [1 da] sesta, se embrenhou no salgueiral.

Nest<e>/a\ <dia>[↑ occasião], Alvaro d'Abreu refinára <nos chistes>[↑ no sestro da mordacid<sup>e</sup>]. O coração tem crizes de embriaguez <que \*as> e sobre-excitaçoens [↑ sanguineas] ã <influem nas>[↑ refluem ás] bossas [↑ craneanas.]<sup>3</sup>Naturalm<sup>e</sup> <sup>1</sup>a <sup>2</sup>morgada deixara-se apertar suavem<sup>e</sup> no braço [1 nas pôlpas do antebraço] e correspondera á pressão voluptuosa. O bacharel [↑, a meu ver,] esponjava as suas chalaças da abundancia do coração. Eu tambem tive <parte>[↑ doze] na sua liberalid<sup>e</sup>. Estava eu a intalhar um *M* na casca de um amieiro. Era a inicial de umas das cinco *Marias* ã eu amava.

— Esse *M* — [1, ] disse elle [↑ galhofando] — [1, ] pode significar uma celebr<e>/ada\ <palavra dita>[↑ exclamação vociferada] por Cambronne em Waterloo.

— *Prove* a <interpretação — accudiu>[↑ exclamação historica — interveio] Jose de Almeida, vingando-me com aquelle ri<z>/s\o <<ex>cruciante>[↑ percuciente] d'elle.

<Tirante><[↑ Afóra] João Pacheco, ninguem percebeu[.] <esta>>[↑ Todos perceberam, salvante as damas, ã não conheciam os aromas da historia de França.]

— Que horas são? — <sup>1</sup>perguntou a <sup>3</sup>morgada <sup>4</sup>Irene<.>/,\ [2enfasiada <da dia>].

— Cinco — responderam todos, <examinan> <com os> tirando [1 abrindo] os relgios, <a>/ex\cepto João Pacheco.

[9] — <sup>2</sup>Caso <sup>1</sup>singular! — disse elle — tenho este relgio ha doze annos: é a primeira vez ã pára, tendo corda. Se o ar sulphurico de Vizella tiver sobre o dono a influencia ã tem sobre o relgio, serei obrigado a parar; e parar, diz não sei q<sup>m</sup>, é morrer.

— Mas é que tu precisas de *corda*... — remoqueou Alvaro.

— De *corda* preciso; de *carrasco* é ã não, contando comtigo — redarguiu Pacheco.

— Apanhe aquelle pião á unha, snr doutor! — exclamou o abbade de Santa Eulalia.

---

<sup>8</sup> Sem *itálico* na 1.<sup>a</sup> ed.

As duas morgadas riram-se com bastante intelligencia; e José de Almeida, baforando trez novêllos de fumo <pele>[↑ da pipa do] cachimbo turco, regougou:

— Bem boa! bem boa! [<marque> essa vou escrevel-a... e tirou a carteira. [1 § E tirou a carteira.]]

Alvaro de Abreu enfiou. As damas <e nós, fitando-o> fitavam-no de modo que [o] <provoc>[↑ espore]avam a desferrar-se. O rizo vingativo do abbade torturava-o; e, por fim, o silencio <que vexava a todos> [de todos] era um commum vexame: sentia-se mortificada a gente.

D. Helena da Penha ergueu-se d<a>/o\ <sua almofada>[↑ seu frouxel] de junco e relva, dizendo:

— Vamos dar um passeio na ponte.

#### IV

Todos se debruçaram no parapeito da ponte, menos Alvaro de Abreu que se retirou á entrada, pretextando o ã q<sup>r</sup> ã fosse.

— O doutor <embatucou>[↑ ficou entupido]! — disse o abbade — Foi uma embaração bem merecida... Onde se dão ahi se apanham. Cuidava elle que todos nós eramos espolinhadoiro do seu *espírito*!... Sempre com o dedo no gatilho da <chalaça>[↑ graça]! <La> Uma graça atura-se; mas estar sempre com o dente mordaz arreganhado, isso é proprio dos botiquins, em camaradagem de estudantes<.>/e\ [banaboias.]

[10] — Tem razão, snr abbade — obtemperou D. Helena — mas, a fallar o ã é verd<sup>e</sup> <-> [1,] o snr Pacheco respondeu mt<sup>o</sup> forte<mente>.

— Aceito a reprehensão de V Ex<sup>a</sup> [1 v. ex.<sup>a</sup>] — volveu <com mt> urbanam<sup>e</sup> o cavalheiro — mas peço licença para não me arrepende. Quem me considera talhado para a *corda*, não se offenda se eu o reputo digno de exercitar o <officio> instrumento da forca<1 .>

D. Irene exclamou:

— Credo!

Era a expressão expontanea do horror á palavra *forca*.

E espivitando a lingua, continuou<1 ,> <tregeitando><menean>[↑ saracotean]do-se:

— Não gosto destas coisas... Estou nervosa... O Alvaro ia pallido e tremulo... Vejam la se fazem algum desaguizado por causa d'uma graça... Vamos embora, mamã? Estou muito nervosa... veja...

E offerecia o pulso ao abbade.

— Tem febre? — perguntou a mãe alvoroçada ao abbade.

— Está agitadinha... [1,] — confirmou o abbade, envesgando para nós os olhos <piscos>[↑ zarolhos] de velhacaria — Quer apalpar, snr João Pacheco?

— Não percebo de pulso — disse o convidado.

— Com licença... — interveio Jose de Almeida — Eu vejo — E, tateando o pulso de Irene com o relógio aberto, disse: — Cem pulsaçoens por minuto. Isto não é febre, [1 ...] é amor, m<sup>a</sup> senhora...

— Boa! — disse a menina retirando a mão — o snr Almeida tem lembranças! O amor sente-se no coração, não é no pulso.

— O pulso é o denunciante do coração — retrucou o portuense — O amor é o sangue mais apressado.

— Faltava-me ouvir essa! — notou D. Helena jubilosa p<sup>r</sup> ver que a menina ja sorria.

— Em boa sciencia é aquillo ã diz o snr Almeida — confirmou o abbade — Effectivamente, o amor accelera a circulaçaõ do sangue[.] <do>

— Aqui tem o voto de pessoa experiente — disse Almeida.

— Está feito... — assentiu o abbade dando á cabeça trez ligeiras <pr> demonstraçoens de consentim<sup>o</sup>.

— <Tem boa>[↑ É mt<sup>o</sup>] prenda<,/>do,\ não tem duvida... —olveu ironicam<sup>e</sup> [11] a viuva do capitão-mor de Athey — Ora, tenham juizo!

— Que remedio, senão têl-o, m<sup>a</sup> senhora! — redarguiu o clerigo pagão — <Fauno>[↑ Satyro] [1 satyro] velho não topa dryadas nas florestas.

— Quê?! — perguntou a senhora que desconhecia os escandalos <da> mythologicos.

— Queria eu dizer, excellentissima senhora, que o juizo em mim, <ã pendo aos>[↑ velho de] cincoenta annos, <admir> não se recommenda, lastima-se.

— Como estás, menina? — perguntou D. Irene á filha.

— Sobresaltada... Tenho mêdo de alguma desordem... O primo Alvaro tem tão máo genio... — E fez varias visagens.

— Agradeço a sua compaixão, m<sup>a</sup> senhora — ocorreu <[↑ ironicam<sup>e</sup>]> João Pacheco —; [1 ; —] mas peço-lhe que empregue a sua sensibili<sup>e</sup> mais opportunam<sup>e</sup>.

## V

Ao impardecer da tarde, José de Almeida foi procurado na <botica>[↑ pharmacia] da Lameira, onde <havia>[↑ então florescia] um <pharmaceutico>[↑ boti<a>/c\ario] que parecia immortal pelas <tolices>[↑ sandices] originaes, [1 —] e ninguem ja se<sup>2</sup> lembra<sup>3</sup> hoje<sup>1</sup> d'elle<sup>4</sup>! Este paiz não é para ninguem: desenganêmo<'n>/\nos.

Era João Pacheco <que o>[↑ a] cham<ou>/al\o de parte <e lhe disse:>[↑ p<sup>a</sup> lhe dizer:]

— Acabo de ser procurado por dois sугeitos de Braga, que se dizem padrinhos do desafio a que sou reptado por parte do Abreu. Respondi-lhes que eu enviaria pessoa com quem se intendessem.

— Estou ás tuas ordens — condescendeu promptamente Almeida, ã era padrinho vitalicio de todos os duel<os>/\os d'aquelle tempo na [↑ sua] briosa cidade[.] <do> — Que arma escolhes? sabre? florete? pistola?...

— Mais devagar — atalhou <P> o morgado de Val-Escuro — O <a>/A\breu não joga arma nenhuma. O meu mestre de tiro foi o marquez de Niza; de [12] sabre foi o Chico Bellas, e de florete o Petit. Sei pouco; mas sei mais ã Alvaro. Se lhe acceito o duel<o>/\o, vou seguro da m<sup>a</sup> superioridade, e, pouco mais ou menos, não sahirei do campo com a consciencia mais tranquilla ã um homicida. Vai tu, se me queres obsequiar, dizer isto aos padrinhos.

Jose d'Almeida [1 de Almeida] voltou á noite[.] <e <di> relatou>

— O Abreu teima em bater-se — disse elle — Quer duel<o>/\o de morte, pistolas [↑ carregadas e desfechadas] á ponta de lenço.

— Vai declarar aos padrinhos ã aceito — deliberou serenam<sup>e</sup> João Pacheco.

— Estás doudo?!

— Faze o ã te digo.

— Escolhe outra testemunha, em quanto eu vou avizar o regedor — retorquiu [↑ sorrindo J<sup>e</sup> d']Almd<sup>a</sup> [1 de Almeida] — Eu cuidei ã eras um rapaz valente e prudente. Não te batias, ha pouco, por ã as tuas vantagens repugnavam ao cavalheirismo; e aceitas

o <duelo>[↑ combate], dada a egualdade ã pode dar-se entre dois assassinos estupidam<sup>e</sup> ferozes!

Pacheco ria-se; e Almeida discorria rasoavelm<sup>te</sup>.

— Faze o ã te digo — repetiu o morgado — Pois tu, creança, persuades-te ã o Abreu deseja bater-se em taes condiçoens? Os covardes tem fantasias d'essas em quanto o <duel<o>/\o está>[↑ desafio <se tracta>[↓ procede]] nas <pacificas entrevistas>[↑ incruentas conferencias] dos parlamentarios. Assevera tu ao Alvaro ã eu <achei aceitavel>[↑ acceitei] o combate á ponta de lenço; e espera o desfêcho.

— Mas suppõe que elle sustenta a palavra!...

— Sustentarei a m<sup>a</sup>; — e, batendo-lhe no hombro, acrescentou: — Vai socegado. O homem tem mais amor á vida ã á honra. Ouviste? Se elle proposer o duel<o>/\o á ponta... de lingua, declara logo que não acceito.

Os bracharenses, ouvindo a resposta de Almeida, ficaram <\*cadavericos>[↑ embaçados e atonitos.]. O mais cordato, com o louvavel intento de economisar sangue illustre, [13] ponderou ã era uma desgraça matarem-se dois cavalheiros da primeira nobreza do Minho, e aventou o seguinte:

— Se João Pacheco lhe desse uma satisfação na prezença das pessoas ã ouviram a injuria... [1.]

— Satisfação... como? — inquiriu Almd<sup>a</sup> — Dizer-lhe que não o reputa *carrasco*? A emenda é peor ã o soneto. Não proponho isso. Deixal-os matarem-se! Morrem gloriosamente. Tanto faz morrer de calculos na bexiga como de uma bala no coração. João Pacheco já teve em Lisboa e Madrid quatro duel[l]os de morte, e está vivo.

— Parece-me isso extraordinario — observou maravilhado o braguez, suppondo ã no duel<o>/\o de morte era obrigatorio morrer.

— Não ha nada extraordinario. O <codi> estylo estatuido no *Codigo da Honra* é que as pistolas, uma sevada de polvora e <balla>[↑ pelouro], e a outra simplesm<sup>e</sup> de polvora, sejam sorteadas. Pacheco teve sempre a sorte por si. Mas o nosso cazo é outro. Morrem ambos<.>[irremediavelm<sup>e</sup>.]

— E nós? que <faremos>[↑ hade ser de nós]? — atalhou sobresaltado<.>/o\ [cavalheiro>[↑ filho] da [1] outr'ora] circumspecta Braga.]

— Nós? — respondeu Almeida — praticaremos a <facil>[↑ rara] virtude de nos não matarmos. Os snr<sup>es</sup> fogem para <Braga>[↑ a sua terra] e eu p<sup>a</sup> <o>/a\ <Porto>[↑ m<sup>a</sup>]. É o ã legisla o <c>/C\odigo da Honra. As testemunhas<1 ,> não podendo depôr á cerca da honra dos afilhados mortos, <fogem>[↑ çafam-se] a unhas de cavallo. O restante da tragedia pertence ao coveiro.

Um dos padrinhos fez menção de lavar as mãos e disse:

— Eu ca da mim...

— É Pilatos neste negocio? — perguntou o portuense.

— E dois — respondeu o<sup>2</sup> outro<sup>3</sup> tambem<sup>1</sup>, <citando vários trechos>[↑ recordando-se [1 recordando] [↑ e recitando] <de> trez passagens pezadas] de um livro do conselheiro Rodrigues de Bastos a respeito de <duellos.>[desafios.]

— Em que ficamos? — rematou J<sup>e</sup> de Almeida — deixe la o sermão.

— Vamos fallar com o Abreu; e ou elle desiste de se bater, ou nós declinamos a missão.

—Pois não se demorem, ã João Pacheco ja está escrevendo as suas disposiçoens testamentarias.

<O choque da ma> Com qtº a bravura não fosse o predicado mais proeminente do am<or>/ador\ de Irene, <ha>[↑ deu-se n'elle um] phenomen<os>/o\ <desta natureza>[↑ de heroísmo] que pertenc<em>/e\ aos milagres do amor. A nova, que os palidos agentes lhe levaram, apenas o <desmaiou>[↑ desfalleceu] por instantes. A imagem da prima <d† de †> foi-lhe como a visão da [1 de] <deusa Bellona>[↑ Pallas] aos guerreiros da <antiguid<sup>e</sup>>[↑ Grecia de Homero], acoroçoando-lhe <o animo> alentos <sobre f†> sobre-naturaes á sua indole.

—Pois morreremos! — exclamou elle [1 com ar de Leonidas no desfiladeiro, das Thermopylas].

— Resolves então morrer? — perguntou <\*o d> um dos padrinhos.

— Que remedio?! <Não>

— Arranja outras testemunhas. . . — intimou o segundo padrinho — Nós temos deliberado abrir mão d'esta asneira. Se te bateses por um motivo serio, *verbi gratia*, se o Pacheco te deshonrasse uma irman ou coisa semelhante, ou te chamasse algum nome injurioso, ladrão, *verbi*[1 ,] *gratia*, então estaríamos ao teu lado, e até seríamos os primeiros a defender-te com as armas na mão; ora agora matar-se um homem a troco de uma chalaça que não vale dois caracoe<ns>/s\, isso é a bestialidade maior que pode praticar um homem, se não está doudo furioso! Lá que tu, *verbi gratia*...

— Não dêes mais rasoens — atalhou Alvaro d'Abreu [1 de Abreu] — Procurarei outros padrinhos...

<Contesta>[↑ Alterca]ram até <alta>[↑ ás dez e meia] [da] noite. Um dos dois bracharenses, que argumentava rijamente [1 valentemente] com o recheio do *verbi gratia*, repetiu as sans doutrinas do conselheiro Rodrigues de Bastos, peorando-as na linguagem[.] <com o dardo das suas proprid<sup>es</sup>> O certo foi que a pertinacia do <\*discr> sensato amigo vingou abalar o animo <intemerato>[↑ renitente] do Abreu, a ponto de lhe incutir por um lado da alma o raciocinio e pelo outro lado o medo.

Entretanto, no quartel do <João Pacheco>[↑ morgado de Val-Escuro] occorriam cazos notaveis. Jose de Almeida, encontrando [↑ ás onze horas da noite] o abbade de Sancta Eulalia[1 ,] que <ia>[↑ vinha de] fazer a partida de voltarete á morgada de Athey, disse-lhe ao ouvido: <com \*t>

— Os homens matam-se ámanhan ao romper [15] da aurora. O sol<1 ,> quando nascer, [1 ...] verá dois cadaveres.

O abbade não duvidou. A catadura do portuense tinha os assombros da catastrophe.

— Jesus, santo nome! — exclamou o padre — Eu vou <dar> avizar o regedor, se me dá licença; e quer dê quer não, o meu dever é evitar tal desgraça.

— Não evita nada, abbade. O regedor <não>[↑ so] pode prendêl-os <se não> no conflit<t>/c\to de transgredirem a lei. Quem sabe o logar onde elles vão matar-se!?

O abbade apertou o passo [↑ retrocedendo] para caza de D. Helena. Entrou offegante e roixo [1 roxo]. Assoprava as palavras e embebia no lenço vermelh<os>/o\ <os>/as\ bag<os>/as\ de suor que lhe <borbulha>[↑ bolha]vam na testa. Referiu o que <ouvira a>[↑ soubera de] Jose de Almeida. Irene [↑, que estava ceando bifés de cebolada,] <ao \*servir de †> foi logo atacada de histerismo, e a mãe arrotava nas ancias spasmodicas do flato. <Um> <o>/O\ outro padre <de Athey> que ali estava, [↑ capellão e administrador da casa de Athey,] pegou a <discorrer>[↓ declamar] contra a relaxação do paiz, desde 33 <ate> p<sup>a</sup> cá<, >/.\ <e bebia chá>

— Snr<sup>a</sup> morgada! — alvitrou o abbade [↑ atalhando a objurgatoria [↑ politica] do outro] — aqui perto de nós mora o [snr] João Pacheco. Se V Ex<sup>a</sup> quer, <se> vamos lá. É impossível q̃ <elle>[↑ este cavalheiro] resista ás reflexoens de uma senhora q̃ elle tanto venera!...

— É já<1 !> — assentiu D. Helena <enverga> cobrindo-se com o chaile [1 chale], e recommendando ao <frade> <clerigo>[↑ capellão] q̃ fizesse comp<sup>a</sup> á menina.

<Quando entraram> Quando entraram, havia conferencia entre os padrinhos de Alvaro e Jose de Almeida. João Pacheco, segundo o estylo, não era presente; mas, contra o estylo em taes andanças, estava a dormir. Foi chamado para receber a visita da snr<sup>a</sup> morgada. Espertou estrouvinhado, e foi á salêta onde a senhora <conversava>[↑ dialogava] anciadam<sup>t</sup> com Almeida e com os outros, á cerca do desafio. O portuense havia ja anunciado q̃ <o>/as\ [↑ condiçoens mortiferas do] duello estavam modificadas <para melhor>. Abreu, coagido pelos padrinhos, prescindira de morrer, e <aceit> propunha o combate <a \*armas> nos termos communs.

<Para>[↑ A'fim de] <accomodar>[↑ aplacar] as agonias flatulentas da viuva, Pacheco asseverou-lhe que não haveria ferimt<sup>o</sup> de perigo. Qt<sup>o</sup> a recuzar-se ao desafio, consoante a dama rogava, <respond> allegou q̃ a sua dignid<sup>e</sup> lh'o prohibia. <Disse>[↑ Redarguiu] [16] <ella>[↑ a consternada senhora] que ia pedir a seu primo Alvaro que <retirasse a pro> desistisse do duello.

— Se elle desistir<1 ,> — observou Pacheco — tem V Ex<sup>a</sup> conseguido o seu bom intento; mas colloca o seu parente em má posição perante os cavalheiros <a> em quem confiou a desafronta da sua imaginaria deshonor. Vá descançada, m<sup>a</sup> senhora. O seu futuro genro não soffrerá mutilação [de][↑ especie] alguma. O nosso combate será um simulacro de <duello>[↑ esgrima], <como>[↑ uma] especie de gymnastica de sala com espada[s] sem ponta nem gume.

## VII

Ao repontar da manhã, atravessamos o Vizella <em>[↑ por] umas <poldras>[↑ alpondras] sobre as quaes se <levantam>[↑ encurvam hoje] os arcos da <sup>2</sup>nova <sup>1</sup>Ponte [1 Ponta nova]. Trinavam ainda os rouxinoes nas margens frondosas do rio, e ao longe assobiavam melros e grasnavam as pêgas nos pinheiraes. A corrente murmurosa <lavava><[↑ agitava]>[↑ trapejava] [n]as franças dos amieiros <baloçadas>[↑ d<o>/e\br<adas>/uçã\ [das]] á flor da agua<, >/. \ <e <arfava> ciciava espumejando no †> D'ahi<sup>9</sup> [16v] [<subi> D'ahi ladeamos o banho do *Mourisco*, á volta do qual estavam <banhistas de aldeia>[↑ umas mulheres aldeans] espulgando-se nos seios com um despejo digno da innocencia da Arcadia. Os homens respectivos escodeavam as calosidades calcaneas ou attarracavam tachas nos tamancos<, >/. \ <d>/D\epois subimos, v<sup>f</sup>.] [16] subimos uma charneca declivosa por onde hoje se alarga e complana a estrada de Penafiel<, >/. \ <As> e entramos em uma <esplanada>[↑ encosta] <†> de tojeiras e sargaças. Carregamos á esquerda[↑ , fraldejando o outeiro<1 ,>] por sobre o bravo, e emboscamos-nos <em>[↑ p<sup>f</sup>] bouças [1 boiças] de <car> carvalheiras até encontrarmos uma clareira chan e menos accidentada.

— É aqui — disse Almeida aos padrinhos de Alvaro.

Os combatentes despiram <os>/as\ quizenas e os colletes. [1 §] Os pulsos de Alvaro <eram>[↑ negrejavam] cabelludos e quadrados, de uns q̃ o povo diz q̃ *tem so uma cana*, como signal de rizeza inquebrantavel<, >/. \ [1 :] [os][↑ dedos [↑ eram] pennugentos e trigueiros, com as unhas sujas.] As mãos de João Pacheco eram

---

<sup>9</sup> Nota para o tipógrafo: (segue no verso.)

<finas>[↑ magras,] <, opalina><, †><brancas>[↑ translucidas], e <estreitas> depauperadas d<a>/o\ bom sangue que tinge a epiderme. O que me <dava>/deu\ a mim alento e esperança na victoria de Pacheco[1 ,] <era>[↑ foi] <a>/o\ seren<a>/o\ e risonho aspecto do moço, e a confiança na <sciencia>[↑ arte] que neutralisa os impetos da força.

Rompeu o combate á voz de João<sup>10</sup> de Almeida. <Joao> Alvaro d'Abreu — cazo singular! — fechou os olhos, [17] e floreou a espada em sarilho tal que o adversario lhe cedeu terreno, aparando-lhe uns botes, e esquivando o <choque>[↑ embate] dos outros. <Reparei>[↑Eu seguia] anciado aquelle vertiginoso redemoinho d<a>/o\ <espada>[↑ aço] que lampejava[1 ,] [↑ e o tinnido <rispi> asperrimo das laminas.] João Pacheco bradou:

— Páre lá!

Alvaro <\*placou>[↑ estacou], <sup>2</sup>cuidando <sup>1</sup>provavelmt<sup>e</sup> que o adversario estava ferido.

— Este homem — disse o outro ás testemunhas — fêcha os olhos, não se defende, e eu involuntariamt<sup>e</sup> posso matal-o!

— Se me permite uma reflexão[1 ,] — entrepoz-se [1 interpoz-se] Almeida derigindo-se a Alvaro de Abreu — o snr está enganado com o seu systema de esgrimir <a>/ás\ <olhos fechados>[↑ cegas]. Como hade ver a espada do seu contendor?

— Não sei jogar espada — <disse> respondeu elle — Faça o que sei e posso.

—Vejo ã pode; mas o ã sabe é perigoso — contestou Almeida — V. S<sup>a</sup> <†> era ja cadaver, se [↑ o quizesse] o snr Pacheco. Bata como quizer; [1 ,] mas veja o ã faz: abra os olhos.

— Parece-me acertado — <d> obtemperou um braguez com assentimt<sup>o</sup> do outro.

Recuaram ao <\*tr> ponto designado no terreno. Rompeu Alvaro no mesmo estylo de *pancada de cego*; [1 ,] mas com os olhos [↑ coruscantes e] esbugalhados. João Pacheco fez-lhe um golpe dos primorosos da arte, o *coup de manchette*, no antebraço <da espada,>[↑, sobre os tendoens ã inserem no pulso, <\*da>] com <uma> de<s>/x\t<resa>/erid<sup>e</sup>\ e limpeza dignas das artes <humanitarias>[↑ bem fazejas]. Estava desarmado o possante Abreu. O discipulo do Chico Bellas honrára o mestre. <sup>(1)</sup>

<sup>(1)</sup> <1 Nota p<sup>a</sup> a geração nova.> «Chico Bellas» era D. Francisco de Castello Branco, irmão do conde de Pombeiro. Foi official de cavallaria, teve vida de amores aventureosa e altissima, morreu em 1862 cancerado[,] <da podridão>[↑ podre] d<a>/e\ embriaguez e d<a>/e\ devassidão. Conheci-o, em 1861, idiota, a babar-se, e a pedir um pataco para genebra. Os seus nobilissimos parentes não po[18]deram nada contra o destino deste homem, que exercitara o <professorado>[↑ magisterio] na esgrima, na gineta e na galanteria bruta e... feliz!

<sup>10</sup> Assim no ms. e 1.<sup>a</sup> ed., mas o nome da personagem é José de Almeida. Erro de autor.

João Pacheco almoçou com Jose de Almeida para, em seguida, se recolher á sua caza do Arco. Percebia-se-lhe um aborrecimento penoso do successo. Disse [1 Confessou] ã tinha vergonha de ter ferido o outro [1 um homem]<1 ,> <por> ã desconhecia o jogo das armas e fechava covardemente os olhos. Retirava-se para evitar o espectáculo em que havia de exhibir-se logo ã a triste façanha se divulgasse.

Acompanhamo'l-o a[té] Guimaraens. Aqui nos disse elle:

— Não vos admireis, se um dia vos constar ã fui assassinado á traição. O rancor do Abreu hade respirar seja por onde for. Na familia antepassada deste homem ha crimes que dariam materia para um romance sanguinario. Os proprios parentes dizem que o pai de Alvaro matára o irmão p<sup>a</sup> lhe succeder no vinculo, e matára um cunhado para administrar e desfalcar a caza da irman. Era capitão-mor e amordaçava as suspeitas. Este filho herdou-lhe a indole; mas, aquecido ao sol de outra civilização<1 ,> e mais cultivado ã o pai, <representa-se como a serpen> supura <o fel pela> -lhe a peçonha na lingua. Não o temo a elle; mas devo acautelár-me dos facinorosos ã acoita em sua casa, como se prevalessem ao novo systema as antigas *Honras* dos paços senhoriaes.

Quando voltamos de Guimarães, Alvaro de Abreu passeava na estrada, de braço ao peito, com as primas e com o abb<sup>e</sup> de St<sup>a</sup> Eulalia.

— Íamos agora mesmo visital-o, snr Abreu — disse Jose de Almeida — <Felizmt<sup>e</sup>>[↑ Ainda bem ã] o encontramos excellentemt<sup>e</sup> disposto.

— Estou bom — respondeu seccamente.

— Fêl-a bonita o snr Pacheco!... — invectivou D Helena.

[19] — Ainda hade encontrar [1 topar] quem lhe abata as bazofias... — accrescentou a filha, chibatando com o guarda-sol uma <vergontea>[↑ grinalda] [1 um festão] de madre-sylva.

— Minhas senhoras — contrariou solemnem<sup>e</sup> J<sup>e</sup> de Almeida — o snr João Pacheco procedeu com extremado cavalheirismo.

— Muito cavalheiro! pois não! — replicou D. Irene sarcasticam<sup>e</sup> com uns esgares lôrpas.

— Com toda a certeza, muito cavalheiro — insistiu o portuense — Aqui está o snr Alvaro de Abreu que me não desmente.

O invocado <calou-se> respondeu grunhindo:

— *Um.*

E Almeida prosseguiu:

— Se V Ex<sup>cas</sup>, m<sup>as</sup> senhoras, não negassem a honradez generosissima de João Pacheco, eu teria a conscienciosa obrigação de appellidar infame q<sup>m</sup> lh'a duvidasse. Assim, pedindo venia a V Ex<sup>cas</sup> para não dar pezo á sua opinião em materias tão alheias do seu juiso, sustento que é infame [1 um biltre] quem negar o cavalheirismo de João Pacheco na pendencia ã teve esta manhan com o snr Alvaro de Abreu.

E, fitando-o, esperava resposta, ã não logrou.

— Acabou-se! — interveio o abbade — com aguas passadas não móem moinhos. [1 ...]

— Diz bem, snr abbade — applaudiu a <viuva-mor> morgada velha — Não se falle mais n'isso.

— O ã eu sei — ajunctou Irene — é ã, no anno passado, gosamos em Vizella dois mezes deliciosos; e este anno veio aquelle snr Pacheco la de Lisboa perturbar a nossa alegria com as suas prendas de jogador de espada.

Jose de Almeida sorriu-se com o mais caracteristico gesto de mofa, abaixou a cabeça sem se descobrir, e retirou-se sacudindo a calça com <a varinha>[↑ o chicote] de <canilh> baleia.

Montado no cavallo [↑ de] ã apeara, qdº avistou o gru[20]po, disse-me rubro de colera:

— Aquella <rapariga †> mulher fez-me acreditar que é possível dar-se um pontapé na parte posterior do merinaque de uma senhora.

## IX

Quando, por fi<m>/ns\ de junho, sahimos de Vizella, mexericava-se que um rapaz do Porto, oriundo de familia ingleza, e celebrado por vinte e sete fraques que estadiava [↑ com os respectivos colêtes], fôra visto, á claridade da lua-cheia, <coxixar>[↑ cochichar] com Irene, elle <na rua,>[↑ <num> no quinchôso,] e ella no muro do quintal.

Em fins de julho, Jose de Almeida, <saudoso> no encalço de uma <nova †> liteira portadora de <um>[↑ certo] objecto amado, voltou a Vizella, e <averiguou>[↑ observou] <est<e>/a\s>[↑<umas>[↑uns]] <phenomenos pathologicos>[↑ <lezoens>/aleijoens\ psicologic<a>/o\s] <do coração <humano> <femeal> <femenil>> na <grande> enfermidade [chronica], chamada [↑o sexo] pelas senhoras de Bast<a>/o\.[.] <o sexo, dando ao x a pronuncia de ch.>

A saber:

Irene, admittida aos saráos e passeios das illustres familias da Torre da Marca, [↑ Machados Pindellas,] <da>[↑ <Gu> Guedes da] Costa, <d'> Alentém <e>/\ <de> Infias<,> e <Pindellas>[↑ Paço de Lx<sup>a</sup> [1 Sousa],] ouvira <escarnecer de>[↑ motejar de] Alvaro, á conta do desafio, encarecendo as [1 por causa das] grutescas arremettidas de esgrima pelo systema obsoleto da *cabra-cega*. Alguns fidalgotes, ás vezes, [↑ no meio das salas,] sem se resguardarem da morgadinha, fechavam os olhos e <faziam do jogo de es> terçavam as bengalas com attitudes comicas [1 farcistas]. As gargalhadas atroavam, e Irene <como> disfarçava o despeito, perguntando ás <amigas>[↑ visinhas] ã brinquêdo era aquelle. A final <hou>/te\ve uma sincera amiga ã lhe explicou o libretto d'aquell<es>/as\ <espectaculos mimicos>[↑ pantomimas], mettendo a rizo o Abreu.

Coincidiu [↑ então] a chegada do sujeito dos vinte e sete fraques a Vizella, galhardeando em prendas de sala, e *savoir-vivre* com mulheres, mui distinc[21]tamente. De feito, Jacques Smith, educado em Londres, <polido com o vern> enfarinhado nos ademanes francezes, enfronhado em <pretençoens>[↑ vaidades] de fidalgo que tinha <o seu trono>[↑ os ossos do seu patriarcha saxonio] na Palestina, [↑ elegante e quase [1 quasi] intelligente][1,] formava de tudo isto, <com os> reunido aos vinte e sete [1 vinte sete] fraques e respectivos colêtes, uma personalidade capaz de <impressionar senhoras>[↑ sensibilisar damas] em [1 no] <Cald> uso de <C>/c\aldas e amor.

A frescura montezinha d<e>/a\ <Irene> filha do capitão-mor de Athey, a garridice um tanto canhestra, <e os olhos derramadamente meigos que ella lhe \*asentava>[↑ , os seus saltos de ovêlha <†> espantadiça, e o fluido do olhar que ella derramava remirando-o] de esconso, <engodaram>[↑ <in> escandeceram] Smith.[.] <com affronta.> Era atrevido como todos os sугeitos de cerebêllo grande, onde demora a bossa da *amatividade*. A lua-cheia de junho e julho viu coisas que a poesia costuma idear nos balcoes [1 nas varandas] das Julietas, e que a proza <encontra a cad>

espreita <a> em qualquer <quintalejo>[↑ horta] de couve gallêga <e>[↑ p<sup>r</sup> entre] festoens de abobora-menina.

O bacharel Abreu não viu tanto como a [↑ casta] lua; mas farejou. O rival tinha o prestígio que esmaga com a superioridade. O coração do homem trahido abysma-se a chorar na consciencia que diz: «Eu valho menos ã o meu rival». Enfureceu-se, e <disse grosserias>[↑ vozeou rusticidades] á prima, que lh'as escutou como quem as recebe [↑ impassivelmt<sup>e</sup>] com a condição de prejar [1 perjurar]. Não se desculpou nem carpiu. Aborrecia-o, por que era ridiculo [1 irrisorio] desde o duello, e por que estava perdida, fulminada <pelo>[d']amor d<o>/e\ <homem> Jacques Smith [1 perdida d'amor, fulminada por Jacques Smith], o typo [1 bom typo] da <f>/p\erfeição viril, tirante as escro<p><f>/f\ulas cicatrizadas no pescoço.

Alvaro de Abreu foi para a sua aldeia. Jacques voltou <para o Porto>, em principio [1 principios] de agosto, com Jose de Almeida, <em busca da fina socied<sup>e</sup>>[↑ para a praia da Foz].

Perguntando-lhe Almeida se <†> a morgadinha de Athey passára á historia, respondeu:

- Pois então!... [1 !]
- Era uma rapariga fresca... — tornou o outro.
- Sim, fresca e indigesta como a melancia.

[22]

## X

Em uma gazeta do Porto, <em janeiro><p<sup>r</sup> outubro>[↑ de 15 de novembro] do mesmo anno de 1851, lia-se esta correspondencia datada no Arco:

*Esta villa soffreu a perda irreparavel de um cavalheiro consummado em toda a extenção da palavra, e representante de uma familia, talvez a mais illustre das provincias do norte; [1 ,] pois entre os seus avoengos se conta o grande e immortal Duarte Pacheco Pereira, por antonomasia o «Achylles lusitano» [1 , e o «Leão dos mares»].*

*Hontem de manhan sahira o snr João Pacheco a visitar uma sua prima em Refojos de Basto, onde passou o dia ate ás 4 da tarde. O cavallo em que montava era um potro não educado ainda, e comprado nas manadas hespanholas ã vieram á feira de S. Miguel. Os seus amigos, posto ã João Pacheco fosse optimo cavalleiro, mt<sup>as</sup> vezes lhe observaram que os caminhos precipitosos destas aldeia<m>/s\ eram improprios para ensinar pôtros. Fiado, porém, na destreza do pulso e firmeza de joelhos, o temerario cavalleiro rompia por esses algares e barrocas [1 barrocaes] com um denôdo digno de melhor emprêgo. Realizaram-se funestissimamente as previsões dos seus amigos.*

*Ao lu<s>/z\co-fu<s>/z\co entrou pelo portão da caza de Val-Escuro o potro sem o cavalleiro, com as redeas e <peitoral>[↑ bridoens] despedaçados. O m<sup>mo</sup> foi levantar-se na caza um clamor a ã todos os visinhos acudiram. João Pacheco era extremosam<sup>e</sup> amado por trez tias, respeitaveis senhoras, ã não viam outra coisa n'este mundo. Amigos e creados, sahimos todos pelo caminho de Refojos; e<1 ,> a meia legua de distancia, em um barrocal <pr> fundo e lamacento (espectaculo doloroso!) encontramos o cadaver de João [23] Pacheco, de bruços, com as mãos submersas n<a>/o\ lamaçal, e sem gotta de sangue ã denunciasse o orgão ferido. Como era ja escuro, e o cadaver so podia levantar-se depois do exame judiciario, ali ficamos alguns amigos até ao dia guardando os despojos de tão nobre moço, desastradam<sup>e</sup>*

morto na flor da vida! O cirurgião examinou-o, e apenas lhe encontrou o crâneo amolgado, sem extravasação de < sangue>[↑ líquidos], excepto dois fios de sangue que derivavam do nariz. Presume-se com bom fundamento ã o cavallo o cuspira contra u< ns>/m\ a rocha angulosa que fôrma um dos vallos [1 vallados] da barroca; por ã tambem n< \*as>/a\ palma da mão direita mostra contusoes resultantes de se amparar, < na queda, sobre o braço.>[↑ contra as escarpas do penhasco.] Não pode attribuir-se esta catastrophe a outra causa ã não seja a queda. Se fosse homicidio, seriam outros os vestigios de ferimentos; alem de ã, João Pacheco era bem-quisto, honestissimo, respeitador da honra das familias, não obstante haver sido creado e educado em Lisboa. Alem de rico, era um /g\entil môço; pois não consta que botasse [1 deitasse] a perder alguma dessas centenas de moças pobres que se consideram felizes quando os fidalgos < lhes abrem a > as levam á vereda da deshonra.

Nós, os seus amigos, < charo->[↑ choral-o-]hemos em quanto as suas virtudes lembrarem como exemplo a filhos< 1 ,> e a cidadãos. Que descance na perpetua morada da virtude o tão chorado mancebo; e peça ao Altisissimo [1 Altissimo] resignação para as suas inconsolaveis tias!...

Quando li [↑ compungido] esta correspondencia< 1 ,> lembraram-me as palavras < d'elle>[↑ de Pacheco], na ultima hora em ã o vi: Não vos admireis, se um dia vos constar que fui assassinado á traição.

< \*Recordei>[↑ Communiquei] a minha desconfiança a Jose de Almeida.

— Palpita-me que foi assassinado pelo Abreu! — concordou o meu amigo, e acrescentou: — Escrevo hoje [24] ao abbade de St<sup>a</sup> Eulalia, citando-lhe as palavras de João Pacheco, e pedindo os pormenores do desastre.

O abbade respondeu que eram infu< d>/n\ dadas as nossas desconfianças: por qt<sup>o</sup>, no dia 11, em que João Pacheco < fale> perecêra, estava Alvaro de Abreu na feira do [1 de] S. Martinho em Penafiel com elle abbade e com as senhoras morgadas de Athey; e que por signal nesse dia perdêra o Abreu cento e tantas moedas de ouro ao monte, á vista de dezenas de pessoas ã nunca o tinham visto jogar.

E < concluia>[↑ rematava] a carta deste theor:

*Os namorados fizeram as pazes[.] < e> A pequena veio [↑ das Caldas] mt<sup>o</sup> coada de côres e com grandes... olheiras (ia a escrever «orelhas») < d> Nos primeiros dias, enfanicava-se a cada passo, e dava uns ais românticos como as damas de Basto de 1825. Infandum... renovare dolorem<sup>11</sup>. Depois, a mãe, ã tambem é matreira de 1825, escreveu ao Abreu dizendo-lhe que sua filha era victima da ingratição d'elle. Aquella< s> «lua< s>-cheia< s>» de Vizella, de ã V S<sup>a</sup> me fallava, não < f>/f\oi ouvida a tal respeito. Ora o Abreu quer-me < saber> parecer ã sabia pouco menos ã a < lua>[↑ referida Tetis][1 ,] e ã o janota luso-britannico de ã reza a chronica escandalosa das thermas romanas no corrt<sup>e</sup> anno, 1890, da era de Cezar. Porém, como o patrimonio d'elle é < pequeno>[↑ magro], e as fazendas de Athey são de encher (e de fechar) o ôlho, V S<sup>a</sup> verá que[1 ,] a final, a morgadinha, embora não tenha que desatar a cinta virginal, < tem>[↑ apanha] marido[1 ,] [↑ parente, fidalgo e bacharel.]. Se, depois, as costellas lh'o pagarão, isso não é da m<sup>a</sup> conta. La se avenham< .>:/\ [↑ mas melhor será ã [↓ elle] se resigne, e feche os olhos como no duello, por ã [1 por quanto]] < Sa>/sa\co com honra e proveito é raro, ou não o ha, se o anexim é [↑ tão] verdadeiro, < como>[↑ qt<sup>o</sup>] eu sou de V S<sup>a</sup> amigo e venerador, abbade Silva [1 Abade Silva].*

<sup>11</sup> Itálico posteriormente cancelado pelo autor na expressão latina, para se diferenciar do restante texto.

No anno seguinte, <o>/a\ <bosque>[↑ floresta] de amieiros do Vizella ja não <via algum>[↑ deu sombra e frescura a nenhum] dos seus hospedes do anno anterior.

A Jose de Almeida e /a\ mim figurou-se-nos que as frondes do salgueiral afestoavam um tumulo. Doeu-nos pungentissima a saudade de João Pacheco. Nunca mais alli voltamos.

Estavam nas Caldas a morgada velha e o abbade de St<sup>a</sup> Eulalia.

Irene e seu marido Alvaro de Abreu esperavam-se mais tarde.

Esperava-os D. Helena; mas o abbade nos<sup>2</sup> disse<sup>3</sup> secretamente<sup>1</sup> que D. Irene <estava> <era> nem o marido <vi>[↑ torna]riam a Vizella em dias de sua vida. E segredou-nos [1 vida. Segredou-nos] que a morgadinha, ao oitavo dia de cazada, tentára fugir para a mãe...

— Oh! — exclamou Almeida — Ao oitavo dia! que lua de mel!... [1 !]

— A meu ver — piscou o abbade [↑ entortando a bocca disformemente] — esta lua de mel recebia a luz reflexa d'aquell'outra *lua-cheia* [↑ aqui das Caldas] tão sua conhecida, snr Almeida...

<— Ah! sim?... Então o homem queria no mesmo sacco proveito e...

— Se a pobre mãe soubesse o que eu sei [↑ — atalhou o abbade —] O Alvaro bate na mulher ás cegas... acredita?

— É o systema d'elle; <bem se lembra...> <[↑ bate na mulher como]>>

[↑ — Maganão! o abbade é o calendario<sup>12</sup> de todas as luas ã alumiam ha trinta annos os amores nocturnos d<as>/e\ <Caldas> Vizella...

— O que o sr. não sabe é que o marido lhe bate ás cegas...

— [Sim?] Vejo<sup>2</sup> agora<sup>1</sup> que o homem, no duello, obedecia ao costume.

— E, qd<sup>o</sup> sahe,]

<— F>/f\echa-a n'um quarto [↑ de cantaría] ã lá chamam a «torre» <quando sahe>, e ate dos creados a zela!

— Que amor, e que conceito ella lhe merece! — disse Almeida com a seccura [↑ ironica] do seu genio quando as situaçoens demandavam piedade.

— Eu vi-a ha quinze dias na igreja de Refojos. Que mudança! Está escaveirada, sem atavios, <um>[↑ o] desalinho da desgraça; fez-me [1 desgraça... Fez-me] compaixão! O marido estava á beira d'ella, [1 ;] não pude <di>[26]<zer-lhe><1 ,> sequer<1 ,> [↑ dizer-lhe] que fugisse... [1 .] <ou gritasse aqui d'el rei...>

— Mas a mãe... assim a deixa desprotegida?

<— Que ha de a mãe fazer-lhe? Foi a mãe que a cazou, quando soube ã... era avo... presumptiva.

— Oh! oh! — exclamou em duplicado o <do Porto>[↑ portuense] — Isso então é de uma <serie>[↑ bestial]idade tragica!... A rapariga e a mãe são <bestas>[↑ tôlas] de marca maior...

— <Bestas>[↑ Cavalgaduras] sem medida! — afirmou o abbade.

— Que ignobil conceito ellas formaram do marido e do genro...

— E tanto mais se enganaram que antecipadamente

<—>

— O abbade vai dizer-me uma coisa atos!...

<sup>12</sup> Sinal de adição na entrelinha mas sem inscrição.

— Atrocissima... Elle sabia as prendas que levava... Conhecia todas as peças do enxoval da noiva, percebe?

— Perfeitamente. E depois?... pancada, camara privada, e receio dos lacaios... Tudo isso é consequente n'elle, e merecido n'ella. Dois infames, quando se atam, desatam-se assim.

— A mãe — tornou o abbade —<sup>13</sup>[↑ — A mãe definha-se; e não sabe [↑ tudo] o que ella soffre, por que a filha não se queixa... <S>

— Não intendo essa resignação! — objectou Almeida.

— Intendo-a eu. Irene<, com o seu> era descompassadamt<sup>e</sup> estúpida a respeito de certas coisas...

— A respeito de todas, pensava eu — emendou o portuense.

<— Cuidou ã o matrimonio>

— Cuidou que o matrimonio era <a>/o\ <reparação de> concerto de certos aleijoens com que <viera> fôra d'aqui de Vizella.

— Fez do marido algebrista, percebe.

— É isso; mas o bacharel tem lá os seus *Provarás*...

— De cacête, eim?

— E a mulher tem medo que o marido peça contas á sogra dos desatinos da filha.

— As <mulheres>[↑ meninas] que em taes condições se cazam, não temem as mães, abbade. <A> Casou ella livremente?

— Com toda <a certeza> a liberdade, e contra a vontade da mãe. Tanto assim que a velha, prevendo que o Abreu seria máo esposo,]<sup>14</sup> <da></deu>[↑entregou]-lhe simplesmt<sup>e</sup> o que era do pai [↓ da noiva]: <tres>/sete\nta mil cruzados em propriedades. A caza vale o tresdôbro. Foi velhacaria mt<sup>o</sup> louvavel; [1 :] por ã disia ell<e>/a\; [1 ;] — se <elle> o marido a maltratar, ameço-o com a privação do meu dote[1 ,] [↑ que é privilegiado] e [1 izento] da meação da caza — É o que ella está ensaiando: ja annunciou a venda de duas quintas. Veremos como elle se porta...

— Por essas duas qt<sup>as</sup> fechará o genro os olhos ao passado e ao futuro. <— conjecturou Almeida —>[↑ Elle bem sabia que Irene o despresou pelo Jacques Smith.] Que <valente patife!><[↑ \*vel]>[↑ alentado <†> canalha, salpicado de braços!] Não posso despersuadir-me que foi elle o assassino do infeliz Pacheco...

— Juro que não [↑ foi]: ja o defendi.

— <Mandou-o> Então, mandou-o matar.

— Isso é uma hypothese sem nenhum fundamt<sup>o</sup>. No cadaver de João Pacheco não havia signal de ferro, nem de tiro, nem contusoens de pancadas. <Foi uma rija> <A>/Foi <uma depressão sem cabeça> queda do cavallo, ã era bravo. Não [27] dê vulto a essa suspeita aleivosa.

---

<sup>13</sup> Final da supressão (versão antiga) e início da substituição (nova versão).

<sup>14</sup> Final da substituição (nova versão).

## XII

<Enfeixando>[↑ Joeirando] as minhas reminiscencias de coisas relativas a Irene, <apuro o se> referidas pelo abbade em cartas a Jose de Almeida, apuro o seguinte, na correnteza dos annos de 1853 a 1855:

Sem impedimento dos dissabores conjugaes, Irene deu á luz o seu primeiro filho, e, mediante o <tempo>[↑ prazo] restricto para o phenomeno da geração, provou a sua fecundid<sup>e</sup> com segundo rapaz robusto. D'onde se depreheende ã elle a não espancava incessantemente.

Irene vivia mais desopprimida desde ã o marido reatara com uma raparigaça barrozan a mancebia interrompida pelo cazamento. Elle pernoitava fora noites seguidas, e não <tinha>[↑ soffria] em caza a menor inquietação com ciumes.

<Por espaço de um>[↑ Durante o primeiro] anno, raro dia passa<r>/v\ a que a não atanzasse com perguntas cruamente tôrpes á cerca de Jacques Smith. Depois, parecia esquecido ou reconciliado, se não era antes o receio de que a mulher lhe fugisse e a sogra alienasse as quintas.

No meado de 1855, a morgada velha faleceu nos braços da filha, recommendando-lhe que recorresse nas suas afflicçoens ao abbade de Sancta Eulalia. Desde este dia, [↑ recrudesceram em] Alvaro de Abreu os desprezos, as injurias e até a difamação da mulher. Aos seu parentes, que o arguiam de devasso, respondia que lhe era mister aturdir uma deshonra com outras; e, pondo em miudos a phrase amphibologica, <denunciava>[↑ delatava] a fragilidade ante-matrimonial de sua mulher e parenta.

Apertada pelos insultos face a face, Irene disse-lhe um dia:

— Se eu tivesse um irmão que pegasse n'uma espada[1 ,] [28] você não me offenderia assim...

— Se você tivesse um irmão que pegasse d'uma espada, e me ferisse com ella, iria para onde foi um homem ã uma vez me feriu...

Irene não percebeu o sentido latente da replica; <Contou>[↑ mas referiu] ao abbade a passagem, digna de ponderação.

— Quem sabe — disia elle comsigo — se Jose de Almeida acertou qt<sup>o</sup> á morte de João Pacheco...

<\*E inf> Os criminosos azilados sob as telhas de Alvaro de Abreu <ajudavam>[↑ favoreciam] a suspeita: entre outros somenos na tuba da fama, avultavam o *Jose Pequeno* da Lixa, e *Jose do Telhado*[1 ,] que o neto dos senhores de Regalados sentava á sua meza, quando Irene <vela> ficava no <seu> quarto. Entrou em averiguaçoens o abbade, e soube que os dois salteadores, qd<sup>o</sup> João Pacheco morreu, estavam <em>/na\ caza dos Abreus de Refojos, jogando a esquineta<1 ,> com os creados.

Como quer ã fosse, o abbade entrou-se de mêdo bem entendido, quando Irene lhe pediu que a protegesse e resgatasse da escravidão em que vivia.

— Este homem, se eu me intrometto nos disturbios de sua caza, é capaz de mandar um dos seus sclerados apunhalar-me! — conjecturava elle racionalm<sup>te</sup>.

Não obstante, indagava cautelosamente [1 com cautella] o modo de libertar Irene pelo divorcio, ou pela fuga para mosteiro ou caza de familia honesta. As familias honestas recuzavam-se a receber a esposa difamada pelo marido; as menos honestas esquivavam-se a desavenças com Alvaro de Abreu, respeitando mais os hospedes ã o hospedeiro. <As>/Os\ [↑ donos das] cazas endinheiradas dormiam tranquillamente, em quanto o amigo do *Jose do Telhado* e *Jose Pequeno* lhes não retirasse a sua estima.

E, n'aquelle tempo, havia governadores civis, administradores de conselho, regedores, cabos de policia, etc. Esta corporação de funcionarios não prendia ladroens: fazia deputados<,>/.\ <que não \*f>

[29]<sup>15</sup>

### XIII

D. Irene instava com urgentes rogos. Disia desatinos ao abbade. Traçava planos vulgares; mas de escandalo estrondoso. Fugiria para o Porto onde estava um homem que ella amava: iria pedir-lhe o amparo do amante ou a vingança do cavalheiro. Tinha lido <novellas de cavallaria, e não lêra o Cervantes.> o *Palmeirim de Inglaterra*; mas não conhecia o *Cavalleiro da triste figura*. O abbade recommendava-lhe juiso e paciencia; <mas> e cuidava [↑ mais] fervorosamente em salvar-a do amante que do marido. Fallava-lhe dos filhos. A commoção era mediocre. As mães que desafogam as suas <d>/a\ngustias, ajoelhando á beira de um berço, <bem> estão salvas. Irene carecia da virtude redemptora <d'essas> das esposas <[↑ †]>, que fazem <dos>[↑ os] seus anginhos <uns confidentes>[↑ intercessores] com a justiça divina. Era criminosa. O marido cuspiu-lhe uma injuria, e ella abaixava o rosto indelevelmt<sup>e</sup> manchado. <O>[↑ Um dos] esteio[s] da <dignid<sup>e</sup>>[↑ honra] quebrara-o <ella> <I> a moça solteira em Vizella: restava-lhe outro — o da <franqueza>[↑ sincerid<sup>e</sup>] com o <mar> noivo aborrecido: quebrou-o tamb<sup>m</sup>. <Era a consciencia que> Se a sorte lhe deparasse marido tão amante qt<sup>o</sup> generoso, a regeneração fal-a-hia o esquecimento do erro, e <a>/o\ segundo <e melhor coração dar-lh'o-hiam os filhos> baptismo da alma seria a uncção das lagrimas nas faces cariciosas dos filhos. Havia uma chaga a cicatrizar na consciencia de Irene: não lh'a <fecharam os balsamos> leniram com o balsamo do amor ou da carid<sup>e</sup>: exulceraram-lh'a [↑ a ferroadas de inuteis vituperios.] <->/As\ mulheres assim, quando não se engolpham no tremedal, ou são feias como o peccado, ou predestinadas como santa Pelagia e St<sup>a</sup> Maria Egypsiaca.

O abbade de Santa Eulalia solicitou a protecção de um prelado, seu parente, <que> a favor d<e>/a\ [↑ desditosa] Irene. Conseguiu-se a entrada da esposa fugitiva no convento de St<sup>a</sup> Clara de Coimbra. O abbade avisou-a, <indicando-lhe> guiando-a no passo da fuga. Irene deveria sahir para uma das suas quintas d<a>/e\ <Ribeira de Pena>[↑ Cerva], onde costumava ir no outono, e fugir de la com duas pessoas da confiança do abbade. Aceitou alegremente a proposta; porem, dias depois q̃ <passara> se transferira [30] á quinta d'onde devia fugir, com effeito fugiu; mas <a sua comitiva era mais se> n<em>/ão\ eram confidentes do abbade as pessoas que <a>/lhe\ protegiam a retirada pel<as>/a\ <escarpadas serranias d> serra de Marão, <†> em direitura ao Porto.

<Irene e> A mulher de Alvaro de Abreu <morava>[↑ escondeu-se] nos arrabaldes d'aquelle cidade, no *Bom-Successo*, em uma <caza abarracada>[↑ *caza-chalet*], <adobada>[↑ telhada e ladrilhada] de [↑ asphalto] negro á ingleza, com stores impenetraveis, e [↑ á volta] um silencio sepulcral a ouvir — permitta-se-me a expressão — <o>/os\ <trepido><maviosos>[↑ suspirosos] murmuri/os\ que la dentro s<o>/e\ <aba>/ataba\favam nas alcatifas e nos cortinados.

Aquelle cazinha [↑ abarracada] era o *chalet* de Jacques Smith<.>/.\ [o homem dos vinte e sete fraques p<sup>a</sup> quem a frescura da melancia era indigesta.]

[§] Não é natural que a esposa fugitiva fizesse por alli escala para o cubiculo de Santa Clara.

---

<sup>15</sup> <28>[29]

XIV

Avisado Alvaro de Abreu que sua mulher desaparecera da qt<sup>a</sup> de Cerva, deixando os filhos com recommendação ás amas <1 de> ã os entregassem ao pai, não se affligiu desesperadamente. Sabia ã Irene suspirava pelo convento, e que o abbade, confidente d'ella, era o agente desse plano. Procurou o abbade na sua residencia, e perguntou-lhe, carranqueando, onde estava a douda.

— Não sei, snr Abreu.

— Não mangue commigo, abbade... Em qual convento está Irene? O snr tratou disso, foi a Braga, fallou ao deão, etc.

— Sem duvida; mas a snr<sup>a</sup> D. Irene, qd<sup>o</sup> foi procurada para entrar no convento de St<sup>a</sup> Clara de Coimbra, ja tinha sahido da quinta.

— Não me conte lérias, abbade! — retorquiu sarcasticam<sup>e</sup> o bacharel — Eu estou a ler-lhe na alma. Irene vai requerer o divorcio, guiada pelos seus conselhos.

— Não é verdade, snr Abreu — atalhou o abbade.

— Não me desminta. Que interesse tem o snr [31] pastor de almas em insinuar a desordem no seio de uma familia?

— Já disse a v. snr<sup>a</sup>...

— O snr é tolo! Parece ã não tem amor á pelle... Repare no ã lhe digo: se a justiça, a requerimento de Irene, me inquietar, quem paga as custas é o snr abbade de Sancta Eulalia. Fica avizado.

— Mas... snr Abreu... juro-lhe p<o>/el\ a hostia<sup>2</sup> sagrada<sup>1</sup>...

— Não me fio em hostias!... Padres! corja de marôtos! cuidam que estamos ainda nas trevas do absolutismo!... Fica avizado, entende-me?

E sahiu tinindo rijo com as esporas no pavimento e <estallando> dando estalos com o chicote.

O abbade era uma congestão de pavor, com [1 o] <int> espirito <sufficiente>[↑ estrictamente necessario] para /co\gitar em transferir-se a outra abbadia.

<Po>/N\ 'esses dias <de angustia>[↑ de sobresalto], escreveu elle a Jose de Almeida, contando-lhe *as suas colicas* [↑ em linguagem <pachorrenta>[↑piccaresca]]. Mais egoista que caritativo, dava ao deabo do inferno a <desastrada>[↑ tonta da Irene], e perguntava onde iria parar aquella <tonta?>[↑ extravagante?]

*Quanto a mim*, [1 —] aventava o [↑ solerte] abbade, [1 —] *a mulher está ahi no Porto, sob a protecção da bandeira ingleza, em qt<sup>o</sup> eu ca estou debaixo do cacête* [↑ portuguez] *do marido. Ella mt<sup>as</sup> vezes me disse ã tinha ahi paladino. Procure-a v. snr<sup>a</sup>; e, se tiver modo de lhe transmittir os meus cumprimentos pela bestialid<sup>e</sup> ã fez, peça-lhe ã não demande o marido, visto ã as custas ja eu fui citado p<sup>a</sup> as pagar* [↑ em moeda de costella.] *Entretanto, deligenceio escapulir-me d'aqui. Está vaga uma boa abbadia no Alto-Minho. Vou requerer a /mu\dança, esperançado no valimento de V S<sup>a</sup>. O deputado do circulo hade fazer-me guerra, porque eu <estou>[↑ laboro] nas fileiras <dos verdadeiros libera> da Rainha e Carta, [↑ e votei contra elle;] mas, repito, conto com V S<sup>a</sup> e com o Jose Bernardo. Não me desconviria nesta occasião um canonicato em Braga, e já m'o offereceram os snr<sup>es</sup> Cabraes em 1850: hoje torço a orelha... Ah! femeação, femeação!* <“Quosque<sup>16</sup>>[↑ Quando] [32] <tandem abuteris imbecillitate nostra!” Mulheres, sempre mulheres! Agora>[↑ a politica me agourava uma mitra, <ainda eu sentia coração para>[↑ as mulheres far-me-hiam] regeitar o chapéu de cardeal[.] <por uma> Mulheres, peores ã o diabo, diz o Ecclesiastes. Devia de estar velho q<sup>m</sup> disse isto... Finalmt<sup>e</sup>, agora,] em remate de

<sup>16</sup> Sublinhado da forma latina cancelado no ms. para que esta sobressaia na frase em que está inserida.

*cantiga, vem essa doida da Irene perturbar o meu repouso!... <ate> Quem me mandou a mim endireitar tuertos [1 tuertos], se ella ja estava <mais torta> retorcida!? etc.*

Jose de Almeida, contando com a fatuidade de Jacques Smith, mostrou-lhe a carta do <fra> abbade, e perguntou-lhe se elle podia dar-lhe informações [1 informal-o].

Smith riu <mtº>[↑ á farta] das graçolas do padre, encaracolou as guias do bigode, estirou trez <b> vezes os braços com sacudida elegancia, assentou a gola do fraque decimo nono, fez meia volta sobre os tacoens, enclavinhou os dedos <atir> alisando os vincos das luvas, e fallou desta arte:

— Eu te digo. É uma pobre rapariga. Deixei-a, como sabes. Escreveu-me sempre. Respondi-lhe de vez em quando. Quiz fugir á mãe. Pediu-me que a fosse esperar a Guimarens. Dissuadi-a de tal parvoice. Desesperou-se, quando soube ã eu fôra para Pariz, e casou-se por despeito. Que estupidez! uma mulher com dozentos contos! <casou-se> Cheguei de Pariz, e encontrei uma carta de Irene, escripta na vespera do cazamtº. Era um *adeus* com raiva e lagrimas. Dizia que <se dehonrara> não <se>/lhe\ importavam as consequencias... — <q>/Q\ue [1 que] se o marido a matasse, Deus me pediria contas. Compadeceu-me esta lotice [1 tolíce]! Passados dois annos, escreveu-me uma historia deploravel de dores intimas. É victima do amor que me teve. O marido mata-a lentamente, e atormenta-a com o meu nome. Respondi-lhe em nome supposto, com pezar, com do, com saudade, queres que te diga? amando-a!... Caprichos do coração... Primeiramente, aconselhei-a a que se separasse do bruto; depois appreei o refugio do convento; por fim, qdº ella me disse: «vou suicidar-me», fui buscal-a. Andei cavalheiramente?

— Com toda a certeza. A ter ella de se matar fizeste bem. Salvaste-a da morte e das penas eternas que esperam os suicidas — applaudiu Almeida, casquinando frouxos de riso que eram uma satanica belleza na <cara>[↑ physionomia] d'elle.

— Estás a gracejar? — volveu o outro com aprumo entre inglez [33] e portuense.

— Pois tu fallas tão <serio>[↑ funebre] que eu deva ouvir-te com as lagrimas nos olhos? Rio-me dos adverbios que eu e tu usamos nestes cazos. *Cavalheiramente!* Foste buscal-a *cavalheiramente!* E, se tivesses cazado com ella, na occasião em que a comparavas á melancia fresca e indigesta, com que adverbio celebrarias a tua acção?...

— Cazar!... por que não cazas tu?

— Isso é outra questão...

— É a m<sup>ma</sup>: por que não cazas [↑ tu] com...

E recenceou meia duzia de nomes <harmoniosos que> tão respeitaveis <hoje><[↑ que actualmente]>[↑ ao presente [1 presentemente] ã] <que>[↑ só cada um de per si] bastaria <um so> para <eclipsar duas>[↑ desbotar o pudor das] <Lucrenias>[↑ Porcias] <ou>/e\ Cornelias.

Jose de Almeida, em verd<sup>e</sup>, no terreno da morigeração, estava deslocado. Mudou [↑ sensatam<sup>e</sup>] de rumo; e, voltando ao ponto, disse:

— Que queres que eu responda ao abbade?

— Dize-lhe que D. Irene está commigo; e que o diga ao marido, se isso convier á sua defeza. Qtº a demandas, que não se assuste o selvagem<, p> nem o abbade.

Fez uma pirueta [1 congenial], acenou ao jochei, sentou-se de um pulo n<a>/o\ coxim do <M>/m\ail-coach, e silvou a pita do pingalim na crina dos alasoens[1 ,] que sahiram a corvetas [1 corveteando].

— Ahi vai um [↑ perfeito] feliz! — disia a mocid<sup>e</sup> portuense verminada de invejas.

<Para ser <perfeitam<sup>e</sup> feliz> quase tão feliz como um mendigo> Seria um pouco m<sup>s</sup> feliz ã um mendicante sadio, se não tivesse um aneurysma.<.> [↑ a arfar-lhe no coração.] Compensações.

## XV

O abbade, recebendo a resposta do portuense, procurou Alvaro de Abreu, e disse-lhe:

— Lamento a desgraça [↑ de] que não tenho a minima <responsabilidade>[↑ culpa]. A snr<sup>a</sup> D. Irene está... onde a levou a fatalidade. Se V. Snr<sup>a</sup> me admitte um conselho, não se divulgue tal desgraça.

E, cont<ou>[↑ ando]-lhe <com os>[↑ com melindrosos] rodeios <do melindre> que <a se> D. Irene vivia com Jacques Smith, offereceu-se para intervir no remedio deste escandalo.

— Como? — interpelou Alvaro <coler> iradam<sup>e</sup>.

— Meditarei no modo de a encaminhar ao convento.

[34] Abreu ringiu os dentes e rosou:

— O snr, se não fosse uma besta, seria um canalha que vem aqui avizar-me da infamia dessa mulher!...

— Oh senhor! — exclamou o abbade conturbado do impeto do fidalgo — Pois eu venho participar-lhe...

— O quê? que vem o snr participar-me? que estou deshonorado? Ora ponha-se no meio da rua antes que o despeje pela janella.[1 !] Quem perdeu, quem prostituiu essa devassa foram os seus conselhos...

O abbade limpava o suor, e gaguejava.

— Rua! — bradou Alvaro — e mude de terra, quando não... faço-o esfollar. Você teve quinhão nas devassidões da mãe; que lhe importa a devassidão da filha?

Era uma <pungente>[↑ seva] calumnia, <autorizada pela voz publica>[↑ propalada por Alvaro de Abreu, e acceite pela opinião publica.]. O abbade então chorou, <lembrando-se><apanhando as lagrimas nobreme> ergueu a fronte com arrogancia, e bradou:

— O snr infama as honradas cinzas de sua sogra! Eu não posso vingal-a; mas Deus nos vingará, a ella e a mim!

— Fora, hypocrita! rua!

O padre sahiu aturdido. Zuniam-lhe os ouvidos, e congestionava-se-lhe o sangue na cabeça.

E, desde esta hora, — disia elle — nunca mais teve saude nem descanso. Apagou-se-lhe a <claridade da> clara e serena satisfação da vida. Fechou a aula de latim<,>.\ <e pegou de> Insulou-se da convivencia d<e>/os\ <profanos>[↑ amigos]. Tinha cincoenta e <oito>[↑ seis] annos. A philosophia <socratica>[↑ de Socrates] [1 socratica] <e>/n\ão bastava a robustecer-lh'os contra os abalos da religião de Jesus. Entrou-lhe no espirito a memoria severa do seu passado licencioso. <Remordimentos>[↑ Pezares], abafados pela duvida, exulceraram-se em remorsos. Era o assombro dos freguezes. [↑ O relampago da fé abrazara-o.] Fez-se missionario, e, no pulpito, desentranhava a invencivel e penetrante eloquencia das lagrimas.

Acaso vi o nome deste padre na lista de missionarios que uma gazeta injuriava. Communiquei o espantoso achado a J<sup>e</sup> de Almd<sup>a</sup>.

[35] O meu amigo escreveu-lhe. Na volta do correio, a resposta disia assim: *O desgraçado, a quem <a senhoria escreve>[↑ escreveis], morreu. Subsiste um penitente <que lhe>[↑ a] roga[r-]<[↑ lhe]>[↑ vos] de mãos postas que, antes d<os>/o\ inverno*

da vida, offereçais a Deus as <suas>[↑ vossas] lagrimas em desconto das que <fes>[↑ fizestes] chorar.

— Que celebreira! — disse Almeida — <Nunca esperei esta fraqueza de>[↑ Quem havia de esperar isto d'um] padre tão patusco!

E mais nada — <Fraqueza>[↑ *Celebreira!*] Que <desdem!>[desabrimt<sup>o</sup> com <as> umas ingentes dores, <que> dobradamt<sup>e</sup> deploraveis, se são quimeras!]

Eu, de mim, comprehendí aquella transformação [1 transformação], por ã <lia>[↑ decifrava] [1 decifrara] os segredos d'ella <na>[↑ em] m<sup>a</sup> alma. Aos vinte e um annos estudara [↑ eu] theologia <para ir morrer>[↑ com o proposito de ir missionar] <nas missoens remotas>[↑ <nos martyres> entre os vituperados da loucura da Cruz]. Recahi, propellido pela zombaria do mundo; mas aprendí a não zombar.

## XVI

[36]

## XVI

Por aquelle tempo, um cavalheiro de Basto, o snr [Paulino Teixeira Botelho]<sup>17</sup>[1 ,] murava um terreno lavradio que nos annos anteriores fazia parte da feira do S Miguel em Basto [1 , em Refojos]. A politica [↑ de campanario] introduzira a sua garra nesta contenda de propriedade. O povo, acirrado pelos adversarios politicos do snr [Paulino Teixeira]<sup>18</sup>[1 ,] ameaçára derribar o muro e invadir a propriedade a ferro e fogo. O proprietario, forte do seu direito, e bravo de seu natural, aceitou a luva, aguerrilhou creados e cazeiros, e avisou as authoridades ã tomaria sobre si o desempenho dos deveres que incumbiam aos fiscaes da segurança publica.

Os amotinados eram, pela maior parte, jornaleiros, [↑ soldados com baixa,] a ralé infima das aldeias, poucos lavradores e alguns cazeiros de cazas afidalgadas. Entre estes, sobrepujava na investida e na bravura da excitação um Manoel Fialho, que havia sido <creado>[↑ lacáio] de Alvaro de Abreu, e aquelle tempo era seu feitor em duas quintas nas margens do Tamega. Fôra elle quem arremettera primeiro ao muro, e aperrara um bacamarte ao peito de um creado da caza aggredda. [1...]

Rompeu a espingardaria, menos atroadora [1 trovejada] que o alarido da multidão. As balas zuniam na ramagem dos castanhaes. Milhares de pessoas, de envolta com o gado espavorido, despejavam a feira. O povo inerme açodava com o alarido os combatentes. Dos de fora, alguns cahiam feridos, <rouquejando gritos de rancoroza> outros baqueavam sob os muros derruidos.

O mais aguerrido [1 pimpão], Manoel Fialho, cahira atravessado por um <\*p><zagalote>[↑ pelouro] do peito ás costas. Acudiram a levantar-o do chão lamacento alguns dos seus sequazes.

— Quero confessar-me! — rouquejava elle — Levem-me onde esteja um padre, [1 !...] depressa<1 ,> ã morro!

[37a] [Olharam em deredor [1 redor], e viram um sacerdote que, de mãos postas, pedia ao povo que se retirasse<sup>x</sup> sem receio das balas que lhe sibillavam de perto<sup>x19</sup>.

— <Ali>[↑ Além] está o snr abbade de Sancta Eulalia! — exclamou um dos amparadores do agonizante.

<sup>17</sup> Nome acrescentado posteriormente, no espaço deixado em branco para o efeito.

<sup>18</sup> *Idem.*

<sup>19</sup> O símbolo <sup>x</sup> indica o local para onde deve ser movida a secção sublinhada. Assim: sem receio das balas que lhe sibillavam de perto pedia ao povo que se retirasse

Outro correu a dar-lhe parte de que estava alli <o>[↑ um] feitor do fidalgo de Refojos mortalm<sup>te</sup> ferido que se queria confessar.

— Trazei-m'o [↑ depressa], eu o espero nesta primeira caza... [— disse o abbade.]

O moribundo[1 ,] nos braços de dois homens[1 ,] entrou para um quarto onde o esperava o abbade [1 confessor]. A confissão e a vida duraram-lhe dez minutos.]<sup>20</sup>

[37b]

[XVII]

Alvaro de Abreu, quando[↑, ao fim da tarde][1 ,] lhe disseram que Manuel Fialho, antes de expirar, pedira confessor, e morrêra nos braços do abbade de St<sup>a</sup> Eulalia, accusou nas /a\lteraçoens de cor e fixidez dos olhos <a grande \*inq> <1 um> alvoroço afflictivo. <As crianças est> [1 §] Os dois filhinhos, <g> conduzidos pela <go> dispenseira, iam beijar a mão do pai p<sup>a</sup> se deitarem. Alvaro ficou-se entre elles, prostrado em uma cadeira, abstrahido, em qt<sup>o</sup> as crianças lhe contavam a batalha da feira, imitando a troada dos tiros com a bocca, e a estratégia com umas attitudes [1 manobras] [↑ infantilmente] graciosas. A dispenseira, cuidando que o pai se entretinha com os pequenos, retirou-se admirada. Era raro deter-se Alvaro cinco minutos com os filhos; e, se [1 quando] elles se demoravam, afastava-os desabridamente.

Neste comenos, annunciou-se o abbade de St<sup>a</sup> Eulalia.

Abreu levantou-se de golpe, fincou na cabeça os dedos engrilhados, e resmoneou:

— É certo...

O creado, q̃ dera o annuncio, esperava a resposta.

— Que entre!... e leva estas creanças... — <d> disse Alvaro.

O creado foi á sala de espera, <e disse ao> e fez signal ao abbade q̃ entrasse pela porta da direita.

— Deixe ir commigo os meninos — disse o abbade, tomando-lh'os cada um em sua mão.

As creanças, pondo no rosto <meigo>[↑ caricioso] do velho os seus grandes olhos, <cheios de curiosida> iam alegremente, saltando sobre um pé, e floreado as suas espingardas de cana fabricadas expressam<sup>te</sup> para <\*cre> darem aos creados um simulacro do tiroteio d'aquelle dia.

— Com licença<!>.\ Louvado seja nosso Senhor Jesus Christo — saudou o abbade á entrada da sala, <intr> introduzindo as creanças.

— Entre! — disse o fidalgo.

O missionario, entrado á salla, fechou a porta, e [38] disse:

— As creanças podem entrar por que são anjos, e não entendem as nossas palavras. Em nome d'ellas, tenho de pedir: e ellas pedirão commigo[.] <no seu silencio>

Alvaro de Abreu escutava-o em pé, immovel, hirto. O abbade mal o divisava na quase [1 quasi] escuridão da vasta quadra, ensombrada [1 assombrada] de castanheiros seculares.

— Snr Alvaro de Abreu, — proseguiu o abbade com a voz tremente — ouvi de confissão[1 ,] em artigo de morte, Manoel Fialho, o matador de [1 o homem que matou] João Pacheco, com <uma>[↑ a] pancada de um mangual na cabeça, e á traição, na *barroca [1 Barroca] das duas fontes*, ao anoitecer do dia 11 de novembro de 1851.

---

<sup>20</sup> O fl. 37v é uma adição no verso do fl. 37, para inserir o episódio da confissão de Manoel Fialho.

Este homem só compreendeu e temeu a justiça divina quando se sentiu varado por uma bala. Eu venho<, em nome dos seus filhos e como indigno> rogar a V S<sup>a</sup> que compreenda e tema a justiça divina manifestada na morte violenta de seu creado M<sup>el</sup> Fialho, homicida do innocente João Pacheco. Não lhe direi que se tema da justiça homana, por que o unico homem que podia accusal-o é morto; e eu não o accusarei na terra; porém, se Deus chamar a m<sup>a</sup> alma a depôr no <seu> tribunal divino, direi que de mãos postas<1 ,> e na presença de seus filhinhos, lhe pedi que <refizesse><avali> se curvasse pela contricção e pela penitencia <dean> aos pés de Jesus Christo misericordioso.

E ajoelhou <deante>[↑ aos pes] de Alvaro com <uma> as creancinhas diante [1 adiante] de si.

— Levante-se, snr abbade! — balbuciou o <fidalgo> marido de Irene, erguendo-o nos braços — Eu sou um miseravel, sou indigno da sua estima... Perdoe-me as injustiças q̃ lhe tenho feito [1 fiz]...

— Não tenho q̃ perdoar... Adeus, anginhos — disse [1 o padre] beijando as creanças<1 .> — Ide ver-me algumas vezes á residencia, que eu vos ensinarei a orar a Deus por vosso pai<1 ,> e... por vossa mãe.

— A maman? onde está? — perguntou o menino mais velho que tinha quatro annos.

<— No purgatorio – respondeu o abbade.>

[39] O abbade <correu>[↑ passou] o canhão da batina pelos olhos, e sahiu.

## <XVII>

A voz lamentosa do padre soou no dezerto, as lagrimas caíram sobre o penhasco esteril.

Alvaro <não> desdava as roscas da serpente do remorso sem grande esforço: era atheu. Bazofiára sempre de *racionalista*; mas da sua razão era excluido Deus. Acreditava, tal qual vez, nas vantagens sociaes da virtude, e nos perigos do crime; mas <das margens> para alem da torrente negra da morte <pass> não acceitava se quer a discussão <1 como> absurda.

Apalpava-o agora duramente a desgraça. Havia um homem que podia accusal-o de assassino covarde; tinha uma esposa <que ja não escondia o> adúltera que passeava ao grande sol das praias e das praças o seu escandalo; <d> rareavam á volta d'elle os cavalheiros considerados; acanalhavam-no os scelerados que se acolhiam ás suas quintas; as authoridades judicarias, açuladas pela imprensa, <espicas> aguilhoavam os regedores a assaltarem-lhe as cazas; perderam-lhe [1 . Perderam-lhe] o respeito, e até nos periodicos o amalgamavam com os hospedes, invocando os manes dos condes de Regalados.

Convulsionavam-no phrenesis, exaspêros que ninguem mitigava com o amor ou com os linimentos da amisade. <As>[↑ Os risos das] creanças irritavam-lhe a mysantropia. Era[↑ -lhe] impossivel a quietação, e [↑ baldado] o paliativo das deleitaçoens brutaes.

Deliberou viajar. Não podia vender quintas sem o consento da mulher. Hypothecou-as com enormes uzuras. Embolçou <duas duzias de cont> dinheiro [1 á farta] para demoradas viagens, e sahiu, entregando os filhos a uma cunhada, esposa do irmão morgado.

Desde 1857 a 1861 triumphou a vida nas principaes cidades da Europa. Conheceu todos os salões e todos os antros. <Tocou>[↑ <Respiro os arom> Viu] a devassidão no espavento das pompas do Louvre, [↑ onde as duquezas apresilhavam

diamantes nos bicos dos peitos,] e <attascou-se na> <mir> remirou-se nos [↑ grandes] espelhos dos [40] <saloens> bordeis em que as mulheres, <brancas como leite,> nuas como as bacantes, se espriguiçavam sobre diwans, com os seios aljofarados [1 aljofrados] de perolas, e os cabellos aromatisados de grinaldas de jasmin. Em Veneza, Milão, Pariz, Londres, Madrid, em todas as cid<sup>es</sup> capitaes comprava um *daumont*, dois cavallos, e uma mulher das mais cotadas; ás vezes, comprava duas mulheres e quatro cavallos. Chamavam-lhe *conde*, por que /nos\ seus trens fizera pintar a coroa dos [↑ Abreus,] condes d<e>/o\ [↑ Pico de] Regalados.

D. Irene viajava simultaneamente com Jacques Smith. Uma vez, no Prado, em Madrid, o *phaetont* de Smith perpassou pelo *break* de Alvaro que boleava. Refestelavam-se nos coxins duas trancesas do café-concerto. Jacques acotovellou Irene, e disse-lhe risonho:

— Aos pares<!>[↑ , eim?] E [1 e] tu a imaginal-o a <plant> semear calondros <n>/em\ Basto![1 ...]

Irene chorava.

— Por que choras<1 , <filha>[↑ Irene]>?

— Por meus filhos que não tem pai, nem mãe, e <talvez †><serão pobres> hão de ficar pobres.

Alvaro vira [1 avistára] a mulher, cravara-lhe os olhos indecisos, reconheceu-a, e não tenho a certeza se la no intimo de sua pessoa lhe chamou *descarada*. [1 §] É natural q̃ sim.

[1 O *honesto* era elle.]

## XVIII

Em 1862, o [1 um] <feitor>[↑ padre] que administrava as quintas de Alvaro de Abreu<1 ,> <queixava-se-lhe> não achou usurario que lhe adiantasse mais dois contos de reis q̃ o fidalgo pedia com urgencia. Um legitimista [↑ minhôto] q̃ visitara D. Miguel em Brombach [1 na Alemanha] <espalh/ou>[↑ propalou] que [↑ vira] Alvaro de Abreu <\*doen> em Florença mt<sup>o</sup> doente, descarnado, [↑ tossindo,] com o peito retrahido <e>/\ as gengives brancas e as orelhas sêccas. Os usurarios enfiaram de pavor. Se elle morresse, a viuva e os orfãos[↑, alegando lesão enormissima e illegallid<sup>e</sup> dos contractos][1 ,] levantar-se-hiam com os rendimt<sup>os</sup> hypothecados das propried<sup>es</sup>. Alvaro esperava em Londres a <ordem, e †> letra. O padre-mordomo enviou-lhe al[41]gum dinheiro, desculpando os capitalistas com o boato da sua infermid<sup>e</sup>.

Resolveu repatriar-se, e [1 a fim de] restabelecer-se no Minho. A sua doença era o corollario da libertinagem: a cachexia. Os medicos francezes aconselharam-lhe as aguas mineraes de Cauterets nos Pyreneus<, al><capitulando do><Alvaro †>. Mudou de rumo. Era-lhe grata a esperança de voltar á patria restabelecido e gordo<1 ,> p<sup>a</sup> desmentir o legitimista. Bebeu as aguas sulphuricas de Cauterets, [↑ consummou a corrupção [1 o esphacelamento] dos intestinos baixos,] e morreu medicinalmente. Alem de um titular portuguez que lhe assistiu na morte, e enviou a Portugal a noticia, ninguem, por affecto ou carid<sup>e</sup>, lhe humedeceu [1 humedecêra] os beiços na derradeira febre. Contou o titular a Jose de Almeida que o tal Abreu tinha um spasmo [1 pasmo] de olhos horrendo, quando agonisava.

Veria o espectro de João Pacheco?

O abbade de Sancta Eulalia rezava uma missa por alma de Alvaro de Abreu, quando D. Irene[1 ,] [↑ trajada de luto rigoroso][1 ,] <che> entrou na каза de Refojos<.>/,\ <Mandou> onde esperava encontrar os filhos. Disse-lhe o mordomo que os meninos, por direcção do abbade, estavam a educar <em um>[↑ no] collegio de Landim, <seis>[↑ oito] leguas distante. Escreveu ao <abbade, que> missionario, pedindo-lhe que lhe levasse a sua amizade e o seu perdão. O <abbade>[↑ velho], que ella não vira nos ultimos seis [1 nove] annos, era tão acabado, tão decomposto que Irene chorava, comparando-o ao festivo e juvenil abbade que radiava de alegre luz a [1 alegria na] casa de Athey.

— Afinal... — murmurou o padre.

— Aqui estou... — soluçou Irene.

— <† †> Quer ver seus filhos?

— Sim...

— Vou mandal-os buscar. Cuidei d'elles, porque sua cunhada não podia soffrê-los; e as creancinhas amavam-me... É preciso, m<sup>a</sup> senhora, salvar o ã poder d'esta casa por amor destes meninos. Com ordem e economia, se <eu viver>[↑ D<sup>s</sup> me der vida], tudo se fará.

[42] <gum dinheiro, desculpando os capitalistas com o boato da sua enfermidade.

§ Re><sup>21</sup> Irene apressava o inventario, resgatava as vendas illicitas, annullava hypothecas, afanava-se em liquidar o que devia pertencer-lhe da <[↑ te]> meação<, da terça \*e os dos> do cazal e dos rendimentos absorvidos na totalid<sup>e</sup> pelo marido.

Observava-lhe [1 Observara-lhe] o abbade que um tamanho apuro de contas iria, sem ella querer, cercar o patrimonio dos filhos.

— Se V Ex<sup>a</sup> [1 V. ex.<sup>a</sup>] — acrescentava elle — tenciona restringir [1 reduzir] as suas despezas áo viver aldeão, sobra-lhe <o>[↑ tanto do] ã percebe da sua <meação>[↑ metade] que talvez possa deixar intactos os rendimentos dos orfãos.

— Tenciono ir viver no Porto... — <diss> explicou ella.

— Ah! — exclamou o <p> abbade — Com [1 com] ã então, m<sup>a</sup> senhora, [1 ...] *ainda não?*

— *Ainda não*[1 ?]... o quê?!

— Nem o grito da consciencia? nem o grito do exemplo? Nem a prezença de dois filhos? Bemdito seja Deus!

Este dialogo <q> constringido foi cortado por um servo que entregava a correspondencia.

— Não veio carta? — perguntou ella agitada.

— Não, m<sup>a</sup> senhora, veio somente esta <gazeta>[↑ folha].

Era o *Commercio do Porto*. D Irene atirou-o sobre uma jarnideira [1 jardineira] com enfado, e encostou a face á palma da mão, carregando o sobr'olho.

O abbade chamára o menino mais novo, que tinha oito annos, e disse-lhe:

— Vem cá, M<sup>el</sup> Philippe, lê-me aqui as noticias deste jornal; quero que tua mãe veja que lêes correntemente.

E deu-lhe o jornal aberto; a [1 . A] mãe parecia estranha ou aborrecida.

O menino procurou a secção de noticias, e leu:

<sup>21</sup> Neste fólio está repetido o início do fólio anterior.

OBITUÁRIO. *Hontem, pelas sete horas da manhã, desapareceu do numero dos vivos<1 ,> um dos mais estimados e gentis cavalheiros desta cidade. Um aneurysma no coração arrebatou fulminantemente o snr Jacques Smith, que...*

Irene levantou-se arrebatada, bradando:

[43] — Que é? que é?

E, pegando do jornal que tremia nas mãos do menino assustado, leu as primeiras linhas ã ouvira ler, <apertou o c> premiu o coração asfiziado pela angustia, rolou nas orbitas os olhos torvos sob a<s> palpebra convulsa, e cahiu sem alentos.

— Por que foi? [1 ?!] — perguntou o <filho>[↑ afflicto menino] ao abbade — Ella morre?

— Não, M<sup>el</sup> Philippe. Isto não hade ser nada. Tua mamam <do> conhecia esta pessoa ã morreu, e[1 ...] teve pena.

Depois, dobrou o *Commercio do Porto*, e mettu-o na algibeira da batina para que o <menino>[↑ filho de D Irene d'Abreu [1 de Abreu]] <o não> nunca mais tornasse a ler o nome de Jacques Smith.

## XX

Em 1871, Manoel Philippe de Abreu e seu irmão Jeronimo de Abreu e Lima, ambos terceir'anistas da universidade[1 ,] <estavam nas>[↑ vieram ás] Caldas de Vizella, com sua mãe, a snr<sup>a</sup> D. Irene. Esta illustre e respeitada fidalga de Athey não contava ainda cincoenta annos, e estava hemipelegica [1 hemiplegica] — metade do corpo paralytico. Era transportada em <carro>[↑ cadeira] de rodas ao *Banho da bomba forte*. Uma vez, quiz ir até á *Ponte-velha*, <onde> que não vira desde 1851. Defronte da ilhêta onde em 15 de junho d'aquelle anno Alvaro de Abreu e João Pacheco trocaram os fataes gracejos, mandou parar a cadeira. Quedou-se longo tempo absorvida na contemplação do salgueiral; depois, enchugou duas lagrimas. [1 Que lagrimas, ó leitor!...] Os filhos perguntaram-lhe por ã chorava; e ella, estrangulad<as>/a\ pelos soluços, contorcia-se <nos braços delles>, pedindo-lhes que a tirassem d'ali, que <se> sentia ja o frio da morte.

Levaram-na apressadamente para o quartel em uma das cazas situadas no local chamado o <m>/M<sup>edico</sup>. Ao nascer do sol do seguinte dia<1 ,> dobavam a finados os sinos de S. João das Caldas. A fidalga de Athey expirara nos braços dos seus dous [1 dois] filhos.

[44] Perguntei ao capellão<, que acompanhou> desta senhora se ainda era vivo o abbade de St<sup>a</sup> Eulalia, muito affeiçoado á senhora falecida.

— Não, snr. <Quando> <e>/E\sse santo morreu<,> [↑ ha 3 [1 trez] annos:] [1 ;] a paixão da fidalga foi tamanha ã cahiu na cama,[1 ;] e, qd<sup>o</sup> se quiz erguer, estava leza. Os meninos ainda choram p<sup>f</sup> elle.

## X

### Conclusão<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Nota para o tipógrafo: (segue nas tiras seguintes)

## Conclusão

Das sete pessoas ã, em junho de 1851, sestiarão no cinzeiral do Vizella, vive somente uma[1 ,] ã sou eu.

O conselheiro Jose de Almeida expirou, no inverno passado, na <c>/C\aza-da-saude do medico Ferreira, do Porto.

Na derradeira vasca do longo paroxismo, [↑ circum]vagou os olhos baços á volta de seu leito. Era irmão, era esposo e era pai. Não viu a irman, nem a esposa, nem o filho. Finara-se no [↑ des]amparo e desamor dos indigentes a quem a caridade dos hospitaes empresta um catre ainda quente de outro cadaver. A sua existencia havia sido um continuado festim: o ã houve formidavelmente serio na sua vida[1 ,] foi a morte. Morrem assim os ã não radicaram, em annos vigorosos, a santa amizade no coração da familia.

José de Almeida não podia ter uma <amiga verdadeira> desvellada amiga, por ã, nos seus annos de gentilissima juventude, espesinhára as mulheres que o adoraram [1 adoravam] com aquella cegueira mysteriosa das paixões absurdas; e, ja na sasão glacial da vida, esposára uma que o acalcanhou com o desprezo d'elle e de sua propria infamia, qdº lhe viu a epiderme arrugada e o bigode branco.

A sociedº recebera-o e bajulara-o qdº odios e invejas lhe denegriam o nome, aureolado de aventuras amorosas. Á beira do seu leito de infermidº esqualida, e do seu ataude sotterrado na vala commum, eram seis o restante [1 os restantes] dos seus centenares de amigos.

A noute [1 noite] era de outubro. O nordes[46]te assobiava nas gradarias dos tumulos, e ramalhava os cyprestes gotejantes do zimbro da tarde.

Nos camarotes tepidos do theatro lyrico[1 ,] fallava-se do defuncto; e algumas senhoras idosas, refluindo vinte annos na corrente da sua vida remançosa, olhavam para a cadeira onde então Jose de Almeida se assentava. E algumas d'essas, voltando o rosto, escondiam as lagrimas rebeldes, para não serem vistas dos maridos e das filhas.

E perdoaram-lhe.

S. Miguel de Seide[1 , <§>]

26 de agosto de 1875.